

CONTRIBUIÇÃO DO FOLK-LORO BRAZILEIRO PARA

A  
BIBLIOTHECA  
Infantil

COLLEÇÃO ICKS  
Serie C.

IMP. EYMÉOUD

PLACE DU CAIRE PARIS



CONTRIBUIÇÃO DO FOLK-LORE

BRAZILEIRO PARA

A

# Bibliotheca Infantil



Collecção Icks

SERIE C



MARIO DE ANDRADE

B		1
c		5

1907

4.127

MA  
028.5  
P653c

DO MESMO AUCTOR

---

*Cantigas das creanças e dos pretos...*

*Collecção Icks, serie A*

Editor G. RIBEIRO DOS SANTOS, 74-76, rua S. José, Rio

## NOTA PRELIMINAR

---

As imaginações primitivas agitam-se, todas ellas, sequiosas de phantasias, de comprehensão, de orientação, de idealização !...

« Nem só de pão vive o homem... » Dessas almas que por mero prazer se prestam a desalterar « aos pequeninos », a satisfazer-lhes o seu anhelos de vida interior, e de vida em um mundo melhor, ou differente... foi dessas, dos seus labios adoraveis — museus vivos das tradições humanas — que ouvidas foram, e registradas, as historias deste livrinho — desigual, falho, mas fiel.

Fiel na sua essencia, affirmo-o aos estudiosos, do nosso *lore*. Pois, não obstante destinar-se elle á infancia, procurei, mesmo aqui, seguir de perto cada narrador no seu contar, — emendar ou supprimir o minimo possivel.

Obrigavam-me a essa preocupação de maxima fidelidade relativa, o acatamento ao modo de funcção das faculdades psychicas primitivas, infantis ou não, e o respeito ás tradições patrias e humanas.

Si trago a lume estas « Nossas Historias » antes dos seus respectivos originaes populares, é que anteponho os interesses directos dos « pequeninos » aos dos « grandes » ; é que penso sobrelevar a todos os outros deveres o do nosso amor pela cultura da piedade e da moralidade, — fortes alavancas para o esclarecimento das consciencias.

Laborarei em erro attribuindo tão grande alcance, indirecto embora, a tão modestos meios ?

Creio que não.

Emquanto impossibilitada para mais, occupava-se Icks na observação e estudo dos que menos distantes estão da natureza, alguns pedagogos de muito longe, transpondo enormes distancias, vieram relembrar-lhe a antiga descoberta oriental, falar-lhe, com ardor de apóstolos, do papel eminentemente educador dos contos, — sejam elles populares, de fadas, fabulosos ou biblicos.

Vieram dizer-lhe que pelos contos educariamos as attensões ; iniciariamos os neophitos no mundo dos sentimentos ; forneceriámos, a cada um dos nossos attentos ouvintes e repetidores, o vocabulario, a linguagem necessaria para a expressão do seu proprio pensar e do seu proprio sentir.

Vieram, vieram... dizer-me que por esses meios, agradaveis e simples, transportar-se-iam os « grandes » aos « pequenos » ; levariamos uns e outros á comprehensão reciproca, á visão clara de situações mui diversas d'aquellas em que vivem ; á previsão immediata das consequencias de seus actos, á reflexão portanto.

E a esses louvores baseados nos ensinamentos e na experiencia secular lá do Oriente, lá de onde nos veio a Luz, permitti-me constatar um triste facto de observação pessoal, e esse é que, nos meus illetrados narradores populares do interior do Brazil, tenho encontrado desenvolvimento intellectual e comprehensão moral superiores aos dos possuidores de cursos escolares dos nossos centros mais civilizados...

Mas desdenhe-se ou não desse meio de cultura e encare-se sómente a felicidade da infancia, as suas necessidades espirituaes, não será menos verdade que estas e outras historias populares — por mais em harmonia com o mundo infantil externo e interno, prepararão insensivelmente os jovens cerebros para a comprehensão dos cathecismos e das Historias Sagradas, — mesmo essas sem o encanto da musica e dos versos.

Creiam-me ou não os que doutrinam á infancia, sem esse prévio trabalho analytico — paciente, amorosa e agradavelmente feito — as grandes e bellas synthesis dos seus cathecismos poderão ser machinalmente repetidas ou mesmo firmemente explicadas; nunca, porém, sentidás, pelo amor veneradas, como era de desejar, como era necessario o fossem.

Contae, ó mães, contae historiazinhas aos vossos filhos e, quando puderdes, não deixeis de ser parte no seu pequenino auditorio!

ICKS.

P. S. — Vide a nota Ak no Appendice.





*Os adultos supportariam talvez este livro si o iniciassem pelo ultimo romance e o findassem pela primeira lenda.*

## INDICE

---

O Beija-flor . . . . .	I
O Cachorrinho . . . . .	II
Ponham-me no fogo! . . . . .	III
João Giló. . . . .	IV
A Mula Ruana . . . . .	V
Canta, canta, meu surrão! . . . . .	VI
Agua da Latumba . . . . .	VII
D. Sylvana . . . . .	VIII
O Cego . . . . .	IX
Flor-de-Pinho . . . . .	X
Os Figos da Figueira. . . . .	XI
D. Jorge . . . . .	XII
D. Jorge (outra versão). . . . .	XIII
A Princeza . . . . .	XIV
Conde Janno . . . . .	XV
D. Duarte e Donzilha . . . . .	XVI
Claraninha . . . . .	XVII
Flores-Bella. . . . .	XVIII
Flor d'Alexandria . . . . .	XIX
A náu Catharineta . . . . .	XX
D. Infanta . . . . .	XXI

*No fim do volume vão algumas notas destinadas aos estudiosos que se interessarem por estas historias.*



BEIJA-FLOR



## BEIJA-FLOR

---

Quando a laranja amadureceu na Terra á primeira vez, os passarinhos todos ficaram muito encantados com « aquella fructa toda douradinha, tão redondinha, tão bonita! » E fizeram uma algazarra medonha. Perguntavam-se todos, ao mesmo tempo, uns aos outros, o nome d'aquella fructa e aos mais velhos si ella era ou não de comer.

Como nenhum soube dizer si a fructa era venenosa ou não, resolveram todos mandar o tico-tico ao Céu perguntar a Nosso Senhor como se chamava aquella fructa tão redondinha, toda douradinha, e si elles podiam comel-a, si não fazia mal. E assim fizeram. Chamaram o tico-tico, deram-lhe o recado bem explicado e mandaram.

O tico-tico foi voando, foi voando... chegou lá no Céu. Bateu na porta — toc-toc-toc-toc-toc.

São Pedro veio abrir, perguntando : « Quem

está?» O tico-tico disse : « Sôs Christo..? » (1) São Pedro respondeu : « Deos te abençoe. » E perguntou : « Que é que queres? »

O tico-tico, em vez de responder á pergunta de S. Pedro, continuou : — « Sôs Christo? . Sôs Christo?.. », até Nosso Senhor mesmo responder — « Prá sempre » —, e perguntar que era que elle queria. Quando Nosso Senhor perguntou, elle disse : “ Eu vim saber o nome d’aquella fructa tão bonita, côr de ouro, toda redondinha que appareceu, lá na Terra; e si ella é de comer. »

Nosso Senhor disse que era; que não fazia mal comerem d’ella; que aquella fructa se chamava laranja.

Mas que para elle, tico-tico, não esquecer o nome da fructa, tinha de vir pelo caminho todo abaixando a cabeça e cantando cada vez que ouvisse a trovoadá roncar; cantando assim :



---

(1) Em tom de quem esperava resposta, diziam os escravos, antigamente, saudando os brancos : — « Sôs Christo » por « Louvado seja N. S. Jesus Christo. » E repetiam a saudação no mesmo tom até receberem a resposta : — « Prá sempre » — abreviação de : Para sempre seja louvado.

Ingerê,  
Como gambê  
Como na chacara  
Não ha ;  
Ingerê  
Ingerê  
Crá, crá.

Abaixando a cabeça e cantando... abaixando a cabeça e cantando... E que tinha também de vir beijando todas as flores que viesse encontrando pelo caminho : — « Zuum-bém... zuum-bém... zuum-bém. »

Mas o tico-tico não abaixou a cabeça, nem cantou, quando ouviu a trovoadá roncar, nem beijou as flores.

Quando elle veio chegando, os passarinhos todos foram s'encontrar com elle e perguntaram o nome da fructa; elle, com um ar de bobo, não poudé responder... Si a fructa era de comer, elle não soube também dizer. E, quanto mais os outros passarinhos perguntavam, mais atrapalhado ficava o tico-tico com tamanha algazarra; afinal, atordoado, pousou no chão e veio vindo cambaleando, mancando assim...

Então os outros passarinhos disseram : « Ora, o tico-tico é um bobo. Vamos mandar ao Céu o beija-flor. »

Mas nesse tempo o beija-flor ainda não se chamava beija-flor.

Elles chamaram o beija-flor assim : « Vem cá,

amiguinho; vem cá! Você que é tão vivo, tão ligeirinho, vae você ao Céu saber de Nosso Senhor como é que se chama aquella fructa e si ella é de comer. »

O beija-flor foi.

Chegou lá no Céu e disse :

« Sôs Christo! » S. Pedro veio abrir a porta dizendo : « Deos te abençoe. Quem está' hi? »

O beija-flor não teimou como o tico-tico; disse logo : « Sou eu que vim saber o nome d'aquella fructa tão bonita, amarella e toda redondinha que appareceu lá na Terra, e si ella é de comer. Os passarinhos já mandaram aqui o tico-tico; mas elle não soube dizer. »

S. Pedro falou que Nosso Senhor já tinha dicto que elles podiam comer aquella fructa; e que o nome d'ella era laranja.

E Deos então disse :

« Para você não esquecer o nome nem o recado, ha de ir pelo caminho todo baixando a cabeça e cantando estes versos, cada vez que ouvir a trovada roncar :

Ingerê,  
Como gambê,  
Como na chacara  
Não ha :  
Ingerê  
Ingerê  
Crá, crá.

E disse tambem que elle tinha de vir beijando



todas as flores que viesse encontrando : « Zuum... bém, zuum... bém, zuum... bém. »

O beija-flor tomou a bençã a Deos Nosso Senhor e a S. Pedro, e veio vindo...

Quando elle ouviu a trovoadá roncar, abaixou a cabeça e cantou :

Ingerê  
Como gambê  
Como na chacara  
Não ha :  
Ingerê,  
Ingerê,  
Crá, crá.

E sempre que a trovoadá roncava, elle baixava a cabeça e cantava. E toda a flor que elle vinha encontrando pelo caminho, vinha beijando : — « Zuum... bém, zuum... bém, zuum... bém. »

Quando os passarinhos avistaram o beija-flor lá longe, voaram todos ao seu encontro. Rodearam-no, querendo cada um ser o primeiro a saber como era que se chamava a fructa.

Elle disse que era laranja. Perguntaram si ella era de comer ; si elles podiam comel-a. Elle disse que era e que podiam.

Ainda o beija-flor não tinha acabado de falar, já todos tinham avançado nas laranjas, partindo-as em quatro e comendo-as, mesmo sem descascal-as.

E num instante as laranjeiras ficaram « depennadinhas ». Nem uma só laranja ficou « no pé ».

Quando acabaram de comer, gruparam-se de novo em torno do beija-flor, cada qual mais curioso de saber como tinha sido a sua viagem ao Céu.

Então o beija-flor contou-lhes que quando elle chegou lá ao Céu, S. Pedro veio recebel-o; e que Nosso Senhor tinha mandado que elle, cada vez que ouvisse a trovoadá roncar, baixasse a cabeça e cantasse assim :

Ingerê  
Como gambê  
Como na chacara  
Não ha ;  
Ingerê.  
Ingerê  
Crá, crá.

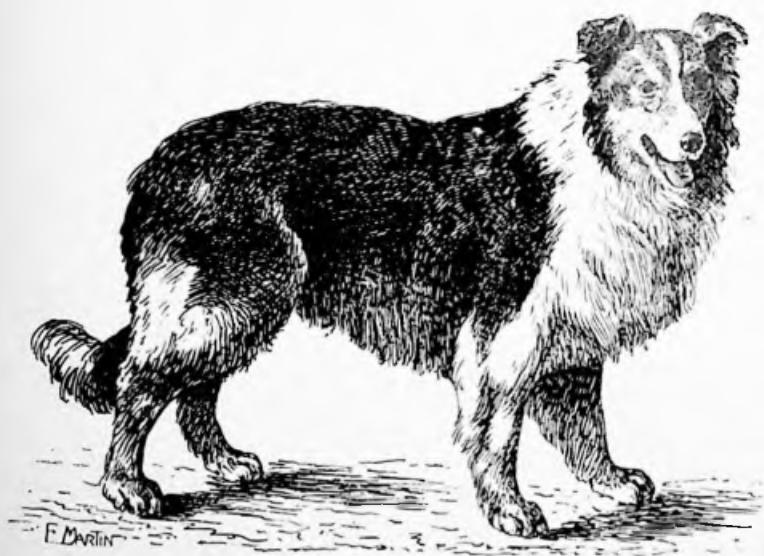
E também que viesse pelo caminho beijando todas as flores que encontrasse : « Zuum... oëm, zuum... bêm, zuum... bêm. »

Mas contou tudo direitinho, tim-tim por tim-tim, como tinha sido.

E foi d'ahi que elle ficou se chamando beija-flor.

---





# HISTORIA DE UM CACHORRINHO



## HISTORIA DE UM CACHORRINHO

---

Numa casinha erma habitavam uma senhora edosa, tres filhas moças e um irmão mais velho que vivia encantado num cachorrinho.

As moças, porém, não sabiam que aquelle cachorro era o irmão.

A mãe tratava muito bem o cachorrinho. Ellas não.

Quando a velhinha morreu, uma disse assim : « Vamos deixar esse cachorrinho morrer á fome? » As outras disseram : — Vamos.

E dahi em diante só do monturo conseguia o cachorrinho ir vivendo.

Uma vez, indo elle apanhar um ovo cozido que lhes caíra das mãos, deram-lhe com os pés e não o deixaram comer.

\* \* \*

Uma tarde uma das irmãs teve vontade de comer peixe; convidou as outras, e combinaram ir pescar.

As tres saíram com os seus anzóes. O cachorrinho acompanhou-as.

O açude em que havia peixes, era muito longe. Mas nisso não reflectiram.

Lá chegando, tiraram minhocas para as iscas; uma sentou-se numa pedra grande, outra nos capins á beirinha do açude, outra num tronco de arvore caído e cheio de orelhas de páu, e puzeram-se a pescar.

A principio a sua tagarellice afugentava os peixes. Afinal calaram-se e pescaram; pescaram muito...

Quando a mais velha lembrou a volta á casa, foi que todos viram que realmente estava quasi noite. .

Como havia de ser ?

Levantaram-se ligeiras. Cada qual enrolou a linha do anzol com que pescára, em espiral, na sua vara; e, entre os dedos, o capim grosso e forte da sua cambadinha de peixes; e poz-se a caminho.

Dentro em pouco escureceu...

E ellas a caminhar, a caminhar...

Quando escureceu de todo, ellas perderam a noção do logar em que se achavam.

Estariam caminhando direitinho na sua estrada? em outra?

Não sabiam.

Mas caminhavam, caminhavam.

Após uma curva, deram, inesperadamente, com



uma luz que saia pelas rachas das paredes de uma casinha alli bem perto.

Para lá se dirigiram. Bateram e pediram pouxada.

O homem, dono da casa, deu; ellas entraram e o cachorrinho tambem.

Mas, o máu era que aquella casa era do Diabo; e ellas não sabiam. Quando o dono da casa foi lá para dentro buscar a candeia para fical-a na parede da sala, o cachorrinho, dirigindo-se ás moças, perguntou-lhes : « Minhas Senhoras, as senhoras sabem onde estão ? »

As moças responderam : — Não.

« Pois estão numa pousada muito perigosa e muito longe de casa. Aqui é o Inferno. »

As tres espantadas e ao mesmo tempo : « Chi!... Agora como é que ha de ser ? »

O cachorrinho disse : — « Não tem nada, não. Amanhã, bem cedinho, antes do gallo cantar, nós saimos e vamo-nos embora. »

E assim fizeram. No outro dia, bem de madru — gadinha, o cachorrinho saio com as moças da casa do Diabo.

Saio, foi andando na frente, e ellas o acompanhando.

Quando já tinham andado um bom pedaço, e que o dia vinha começando a clarear, encontraram um leão.

O leão perguntou : « Cachorrinho, cachorrinho, d'onde você veio ? »

O cachorrinho respondeu : — Vim de muito longe.

O leão tornou : « De muito longe d'onde ? »  
O cachorrinho então cantou assim :



Eu veio quimbora, bora,  
Quimbora, bora,  
Panguro, pangutunhê.  
Dunghê, dunghê ;  
Panguro, pangutunhê,  
Dunghê, dunghê.

E o leão foi-se embora.

Depois passou a onça, e perguntou : « Cachorrinho, cachorrinho d'onde você veio ? »

O cachorrinho tornou a responder : — Vim de muito longe.

E a onça : « De muito longe d'onde ? »

E o cachorrinho tornou a cantar :

« Eu veio quimbora, bora,  
Quimbora, bora,  
Panguro, pangutunhê,  
Dunghê, dunghê,  
Panguro, pangutunhê,  
Dunghê, dunghê. »

E a onça passou e foi-se embora.

Depois passou o urso ; depois o boi ; e assim foram passando pelos quatro irmãos fugitivos todos os bichos... E cada um que passava, fazia as mesmas perguntas ao cachorrinho ; e o cachorrinho dava a mesma resposta ; e cantava ; o bicho passava e ia-se embora.

E nem um fez mal ás moças.

Quando todos os bichos já tinham passado pelos viandantes, isto é, pelo cachorrinho e pelas moças, elles chegaram a um lugar em que havia dous caminhos ; um ia dar na casa das moças, e o outro numa casinha muito ruim, toda esburacada, que estava á toa á beira da estrada.

Então o cachorrinho parou e disse :

« Agora as senhoras vão por aqui por este caminho para a sua casa, que eu vou por aquelle p'ra minha. »

Ellas disseram : Não, cachorrinho, você que nos livrou de tantos perigos, vem para a nossa casa. »

O cachorrinho, então, disse assim :

« No tempo da nossa mãe ella me tratava tão bem... me punha na mesa p'ra comer de garfo e faca e as senhoras me tratavam mal.

Depois, ella morreu... me dava um pancada. Lembra-se daquelle dia em que eu ia spanhar um ovo no chão?...

« Agora querem que eu vá para a sua casa... Isso não.

« Vão para a sua, que eu vou para a minha. »  
Disse e tomou o caminho da casa delle...

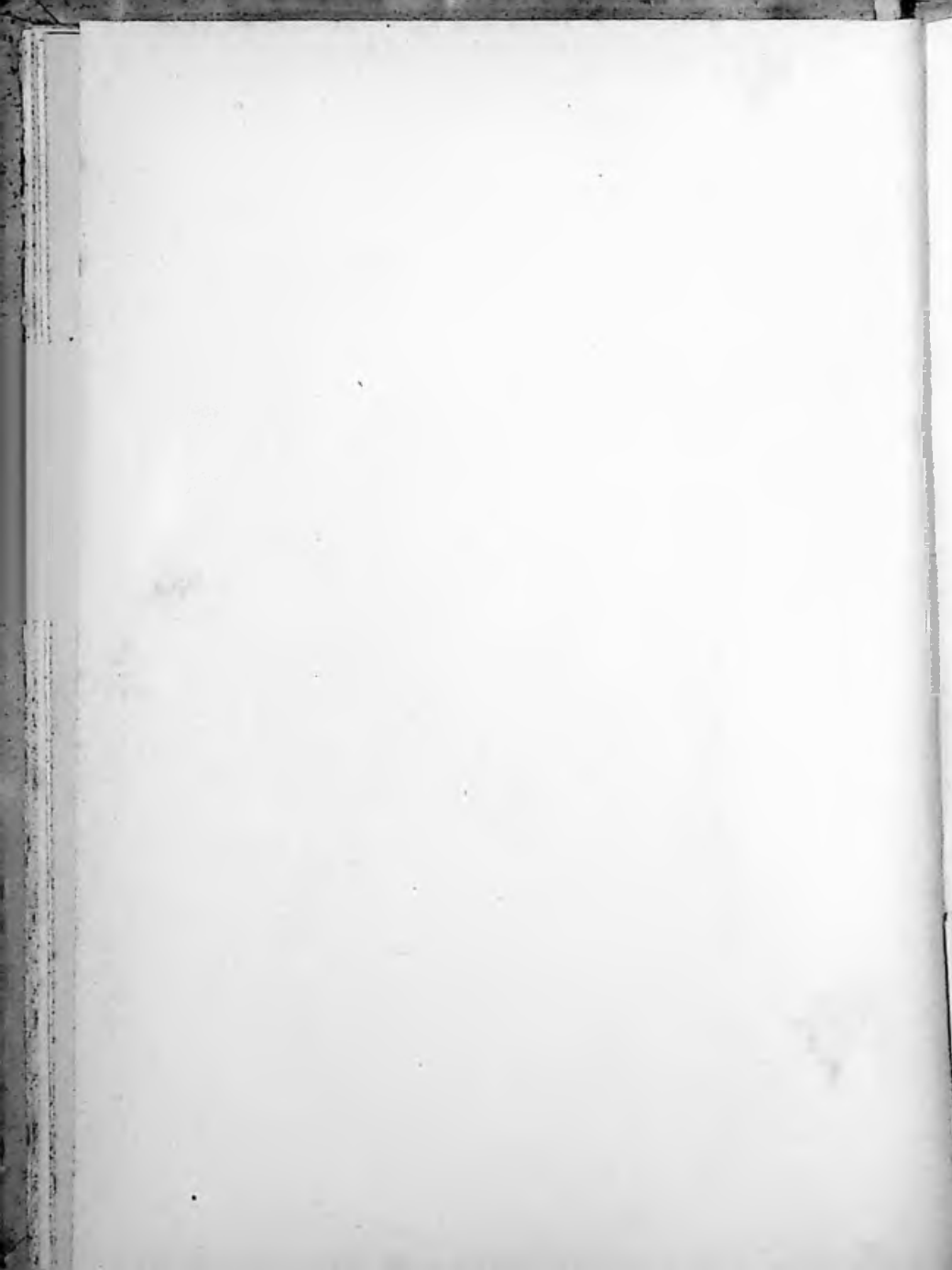
---





PONHAM-ME NO FOGO!

A HISTORIA DO SAPO





# PONHAM-ME NO FOGO!

## A HISTORIA DO SAPO

---

Um menino, filho unico, era animado de todos, cheio de vontades, malcreado, travesso, levado da bréca.

Em casa não tinha modos : mexia em tudo, mettia o dedo nos bolos, nos doces ; punha as mãos nos trabalhos dos outros ; bolia com todos que passavam ; não parava um momento de fazer diabruras ; não attendia a ninguém. Quando ia á casa dos outros, era a mesma cousa.

Um dia o pae foi visitar um amigo e levou o filho.

Ainda bem não tinham elles acabado de chegar e já o menino começara a fazer das suas...

Emquanto o pae, distrahido, s'entretinha nos comprimentos, elle tambem distrahido s'entretinha fazendo o que em casa costumava a fazer : bolia nas teteias das mesinhas da sala de visitas e em tudo o que, alli ao redor, estava ao alcance das suas mãos.

Depois, quando já não tinha mais nada de novo em que mexer, embarafustou-se pela porta dentro : foi ao jardim : apanhou flores. Foi ao pomar : trepou nas arvores, comeu fructas, encheu os bolsos...

Desceu, andou pela horta estragando os canteiros...

Pois nem sequer olhava onde pisava e gyrava, gyrava.

Nesse gyrar avistou uma ilhazinha. Um caixote sobre una especie de mesa estreitinha e tosca lá estava a desafiar-lhe a curiosidade.

Deu logo um pulo na ilha. Approximando-se do caixote, vio nelle um buraquinho pelo qual entravam e saíam uns bichinhos pretos, de azas, zumbindo. Vira-os antes esvoançando pelas flores, mas não sabia que eram nem donde vinham.

Logo que vio o buraquinho, que fez elle ? — Metteu o dedinho, o tal seu dedinho furabolos, no buraquinho do caixote.

O sapo, vigia das abelhas, zás, deu logo uma dentada no dedo do menino buliçoso e elle saiu gritando : « Ai... ai... ai... ai... ai... ai!!! »

E, sacudindo a mão no ar, fazia um berreiro de botar a casa abaixo... « Ai ! Ai ! Ai !... »

O dono da casa ficou muito incommodado : mandou depressa abrir o caixotinho das abelhas para ver

que bicho era que tinha mordido o dedo do menino.

Quando o jardineiro veio lhe dizer que era o sapo que estava lá dentro, elle disse : Ah ! é verdade ! Eu não me lembrava : esse sapinho é o vigia das abelhas. »

Disse : fez-se de desentendido : e não mandou matar o sapo.

O pae do menino ficou muito aborrecido. Vio, porém, que não devia dizer nada, e não disse ; mas começou a imaginar um meio de se vingar do sapo.

Dalli a uns dias preparou uma festança muito grande e mandou convidar a toda a gente daquella redondeza, a todos os biches tambem, menos ao sapo.

Ora, no dia da festa o sapo teve a idéa de ir postar-se á janella ; já que elle não ia, queria, ao menos, se distrahir vendo os conhecidos, — o chicquismo da gente que ia.

Justamente quando elle vinha chegando, passava o compadre gallo. O compadre gallo vio-o e disse : « O' compadre sapo, você não vae á festa ? »

O sapo respondeu : « Não, eu não vou porque não fui convidado. »

Dalli a pouquinho passou o compadre cachorro e disse : « O' compadre sapo, você está ahí tão socegado na sua janella!... Você não vae á festa ? »

O sapo respondeu : Não, eu não posso ir porque não fui convidado. »

Depois passou o compadre carneiro, e o carneirinho tambem perguntou ao sapo porque era que elle não ia á festa. E o sapo respondeu que elle não podia ir porque não tinha sido convidado.

E assim foi respondendo do mesmo modo a todos os bichos seus conhecidos : — ao pato, ao peru, ao pavão, ao ganso, à narceja, ao papagaio, ao gatinho, ao coelhinho, ao dom ratinho, à dona baratinha... a todos, todos.

Depois dos bichos passaram uma porção de creanças e muita gente grande, muito *chic*.

Atraz de todos vinha o pae João carregando um tambor.

O pae João era, como dizem lá na roça, — o *tocador*. Elle é que ia tocar na festa para todos dançarem.

O sapo estava vendo, — e com quanta pena! — que só elle é que não ia à festa.

Mas o pae João quando vio o sapo no peitoril da sua janella, disse : « Oh ! *cunpadre* sapo ! Pois *ocê lá bi* fazendo o quê, sózinho ? *Toda* gente já foi... *Ôcê* não vae na festa ? *Proquê* ? »

O sapo respondeu que estava muito pezaroso de não ir ; mas... que havia elle de fazer, si não tinha sido convidado ?

O pae João ficou com muita pena do sapo e disse : « Ora de certo, o *bôme* esqueceu. Vem. Quê que tem ? »

O sapo disse : « Não, pae João, eu não posso ir, porque eu mordi o dedo do filho do festeiro. »

Mas o pae João, com muito dó do sapo não vir ver a festa, insistiu : « Não tem nada, não. Ninguem *te* vê ; *ocê* vae aqui dentro da minha tambô ; *iô fura* um buraquinho *p'r'ocê* vê a festa. E *di* todo doce *qui tivê*, *io bola* um pedacinho *p'r'ocê*. »

O sapo disse : « Olha, pae João, que si elles me descobrem dentro do seu tambor, eu estou perdido ! »

Mas o pae João teimou : — ninguem descobria ; elle não contava a ninguém ; o sapo que não fosse tolo de ficar, sem ver a festa.

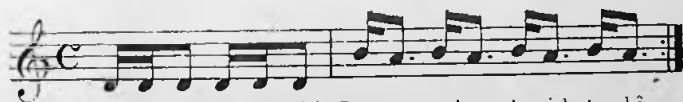
Ora, o compadre sapo, que estava mesmo com muita vontade de ir à festa e de comer os doces, convenceu-se logo. Cedeu. E, confiante na lealdade do pae João, entrou dentro do tambor e foi.

Chegando lá, o pae João começou a tocar e os outros convidados todos a dansarem.

A festa ia muito animada. E o pae João sempre com muito sentido no tambor, para que ninguém mexesse nelle.

Mas toda a gente satisfeita com a moda do pae João tocar, começou a offerecer bebidas ao pae João. E o pae João não sabia resistir ; foi bebendo. foi bebendo... e... bebeu demais. Pobre pae João !

Elle estava mesmo com muita tenção de não contar que o compadre sapo estava alli dentro do tambor ; mas quando ficou *na chuva*, começou a dizer justamente o que não queria. E em vez de tocar para dansarem, começou a bater no tambor e a cantar assim :



E - lê - lê E - lê - lê ! Pae sapo ta dentro da minha tam-bô

É-lé-lé  
É-lé-lé  
Pae sapo  
Tá dentro  
Da minha  
Tambô.  
É-lé-lé  
É-lé-lé  
Pae sapo  
Tá dentro  
Da minha  
Tambô

O menino buliçoso ouviu isso e perguntou ao pae João : « Pae João, que é que você está dizendo ahí? »

O pae João respondeu : « Éê, Nhônhô! *Esse é cantiga minha; vae s'embora; vae s'embora.* Aqui não tem nada, não. »

O menino saiu de perto do pae João e foi para a roda dos outros. Fingio que estava distraído; mas estava era com sentido na cantiga do pae João

E o pae João, coitado, com tanto sentido estava de não contar o segredo do sapo que não podia pensar noutra cousa. E alegre e contente só pensava na alegria do sapo.

Dalli a pouco continuou a bater no tambor e a cantar :

É-lé-lé  
É-lé-lé  
Pae Sapo  
Tá dentro

*Da minha*  
*Tambô.*  
Ê-lê lê  
Ê-lê-lê  
Pae sapo  
Tá dentro  
*Da minha*  
*Tambô.*

O filho unico, quando ouviu isso, deixou a dansa e foi contar ao pae que o sapo tinha vindo á festa dentro do tambor do *locador*.

O pae veio muito serio e pediu ao pae João : « Pae João, deixa-me ver esse seu tambor como é lá por dentro. »

O pae João ficou muito embaraçado : « *Eh non, non, Nhônhô.* »

Mas o dono da casa insistiu e elle não teve outro remedio senão entregar o tambor.

Quando o pae do menino vio o sapo alli dentro, ficou muito contrariado...

E, para não fazer uma scena ante os covidados, disse ao filho : « Chame aqui os meninos todos desta festa. »

Quando toda a creançada se reuniu ao redor do tambor, elle disse : « Vocês levem este sapo lá para dentro. Pódem fazer delle o que quizerem. »

Cada um dos meninos pegou num pau, numa bengala, e lá se foram todos tocando o sapo para a sala de jantar.

Chegados lá, perguntaram-se uns aos outros : « Que havemos nós de fazer do sapo ? »

Um disse : « Vamos pô-lo no fogo ? »  
(No terreiro estava bem accesa uma fogueira enorme).

O sapo, quando ouviu aquillo, ficou tremendo de medo ; mas disse :

« Que bom ! Oh ! que bom !  
Ponham-me no fogo !  
A noite está tão fria !...  
Minha pelle tão gelada !...  
Ponham-me no fogo !  
Vou ficar quentinho...  
Que bom. Oh ! que bom ! »

Era vespera de S. João ; a noite estava mesmo muito fria. O filho unico não percebeu a esperteza do sapo e disse :

« Não, não. O melhor é socarmos o sapo no pilão. »

O sapo disse :

« Que bom ! Oh ! que bom ! Eu que gosto tanto de passoca... vou virar passoca ! Que bom ! Oh ! que bom ! Ponham-me no pilão ! »

Um outro menino disse :

« O melhor é jogarmos o sapo nagua. A noite está fria e a agua ainda está mais fria que a noite. »

E o sapo :

« Ai-ai ! Pelo amor de Deus... Não me joguem nagua. Minha pelle está tão fria... Está fazendo tanto frio !... E a agua ainda está mais fria. Ai-ai ! Que medo ! Pelo amor de Deus... não me joguem nagua. »

O filho disse :



« Agora é que tem de ir p'ra agua. »

E foram todos tocando o sapo para perto do correço que passava nos fundos da horta.

E para o sapo não fugir, dispuzeram-se em duas alas e entre as duas lá ia o sapo sempre illuminado pelo clarão da fogueira... saltando .. saltando...

Quando chegaram á beira do correço, o filho unico pediu a um dos outros meninos que segurasse numa das perninhas do sapo, elle segurou na outra, fizeram *bambam-lão*, duas vezes, com o sapo p'ra lá, p'ra cá... e... zás. atiraram o sapo na agua — *libum!*

O sapo afundou. . Depois lá no fundão esticava ora uma das perninhas, ora outra, dizendo : « Que bom ! Oh que bom ! Isto mesmo é que eu queria. »

O filho unico ouvindo isso ficou muito aborrecido e foi pedir ao pae para mandar tirar o sapo do correço.

O pae perguntou : « Como é que vocês foram deixar o sapo fugir para o correço ? »

Elles contaram a historia como tinha sido

O pae disse : « Pois vocês foram uns tolos. O sapo, em se apanhando nagua, ninguem o pôde pilhar. »

NOTA. — Provenia desta historia a phrase ironica popular :  
« Ponham-me no fogo ? »



JOÃO GILÓ



## JOÃO GILO <sup>(1)</sup>

---

« Um passarinho estava cantando muito numa arvore perto da casa de um caçador.

O caçador ouviu e disse á mulher : — Mulher, eu vou caçar.

A mulher disse : « Pois sim, vae. »

Elle, tomando o chapéo e a espingarda, falou assim :  
— Mas primeiro eu vou matar aquelle passarinho que está alli naquella arvore.

A mulher, como quem o avisava, disse : « Olha, marido!.. não mate aquelle passarinho que elle está cantando muito. »

O marido zangou-se : — Ora essa! Que é que tem que elle cante?!... Pois agora é que eu hei de mata-lo.

---

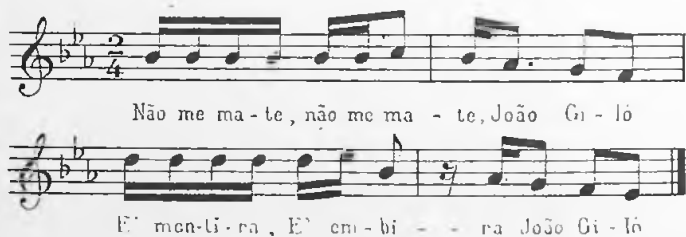
(1) Contada por uma menina de onze annos, do interior de Minas.

E teimando e zangado poz a espingarda ao hombro, o chapéo na cabeça e saio.

Procurou um lugar bom; e quando elle já estava com a espingarda apontada para matar o passarinho, ouviu cantar :

Não me mate.  
Não me mate,  
João Giló!  
E' mentira.  
E' embira.  
João Giló.

Suspendeu a pontaria : escutou. Ouviu bem. O passarinho, quando acabou, tornou a começar a cantar :



Não me mate,  
Não me mate,  
João Giló!  
E' mentira.  
E' embira,  
João Giló.

Elle disse : — Qual mentira, nem embira o quê!. E deu um tiro — *tutu...* E o passarinho caio morto debaixo da arvore.

Então o marido, muito contente, foi depressa buscar o alado cantor, a fim de leval-o para a casa, p'ra mulher preparal-o para o seu almoço. Assim que elle foi pegando nas pennas das azas do passarinho, o passarinho começou a cantar :

Ai, pega devagar,  
João Giló.  
E' mentira,  
E' embira,  
João Giló.

Elle não fez caso. Pegou assim mesmo no passarinho e levou-o para a casa.

Chegando, deu-o á mulher :

« Aqui está o cantor. Prepare-o bem preparadinho que eu volto para almoçar. » Disse e tornou a sair.

Quando a mulher foi depennar o passarinho, depois de tel-o escaldado, o passarinho começou a cantar :

Depenna devagar,  
Que dóe, dóe, dóe;  
E' mentira,  
E' embira,  
João Giló.

Quando a mulher poz o passarinho na panella  
p'ra assar, elle cantou :

Assa devagar,  
Que dóe, dóe, dóe.  
E' mentira,  
E' embira,  
João Giló.

A mulher muito intrigada, atacou bastante fogo  
no fogão e acabou depressa de assar o tal passarinho.

Quando o marido chegou, ella arranjou o cantor,  
bem arranjadinho num prato com molho por cima,  
folhas de alface ao redor e levou-o p'ra mesa.

O marido pegou no talher e disse : « Mulher,  
você não quer um pedaço deste passarinho? »

A mulher respondeu : « Eu não!.. Um passarinho  
que canta tanto assim! »

E o marido : « Pois bem ; não quer você, quero  
eu. » E começou a trincar o passarinho, e no  
mesmo instante o passarinho a cantar :

Córta devagar,  
Que dóe, dóe, dóe,  
E' mentira,  
E' embira  
João Giló.

O marido tornou a dizer : « Qual mentira, nem  
embira! E poz-se a comer o passarinho, e o passarinho  
a cantar :



Mastiga devagar,  
Que dóe, dóe, dóe.  
E' mentira  
E' embira  
João Giló.

Mas elle não s'importou ; foi comendo assim mesmo. E comeu sózinho o passarinho todo.

Quando elle acabou de almoçar, o passarinho cantou assim :

Eu quero sair,  
João Giló,  
E' mentira, é embira,  
João Giló.

O marido disse :

« Sae pelos olhos. »

O passarinho respondeu (*cantando*) :

— Os olhos têm remela,  
João Giló,  
Eu quero sair,  
João Giló. —

O caçador disse :

« Sae pela bocca. »

O passarinho cantou :

— A bocca tem cuspo,  
João Giló,  
Eu quero sair,  
João Giló. —

E disse :

« Sae pelo nariz. »

O passarinho :

— O nariz está sujo.

João Giló,

Eu quero sair,

João Giló. —

O homem já zangado :

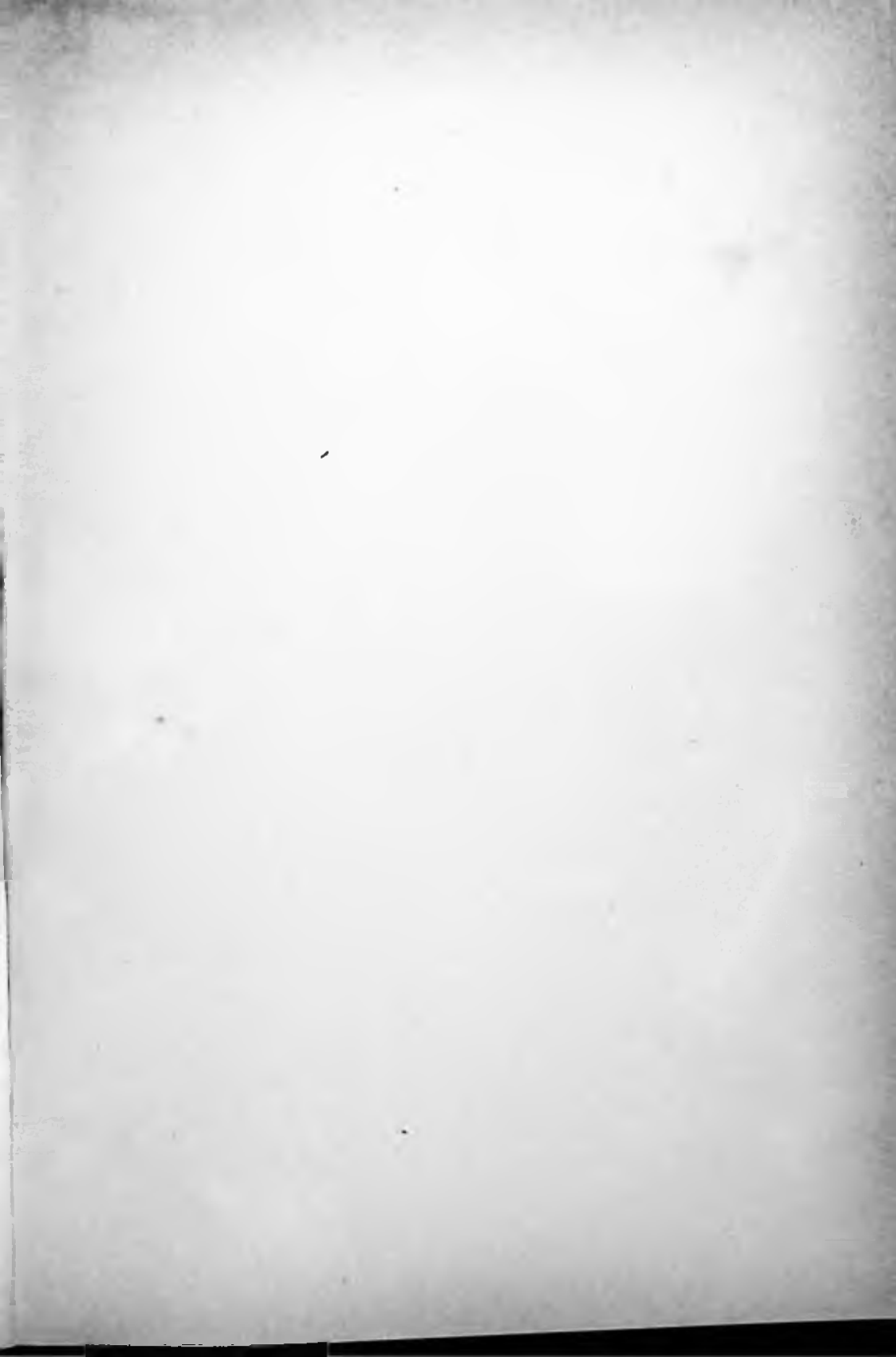
« Pois saia pelo umbigo. »

Apenas o João Giló foi acabando de dizer isso, a barriga delle deu um estouro — *tún!*. E o passarinho saio inteirinho, voou e foi-se embora. »

— E o João Giló?

« O João Giló caio p'ra traz e morreu. »

---





# HISTORIA DA MULA RUANA



# HISTORIA DA MULA RUANA

---

Eram tres irmãos : um mais velho, um menor e o do meio.

A mãe delles mandou primeiro o mais velho e depois o do meio procurarem a mula ruana que lhe fugira.

Elles eram ruins p'ra mãe e não quizeram ir.

A mãe então mandou o menor.

O menor era bomzinho ; levantou-se, pegou no chapéo, tomou a bençã a mãe e foi. Mas... nunca mais voltava.

Os dous irmãos disseram : « Mamãe, nós vamos passear. »

Sairam e foram andando. Perto de uma matta encontraram o irmão menor e perguntaram pela mula ruana.

O irmãozinho respondeu que não tinha achado.

Os dous começaram a dar nelle e mataram-no.

Depois disseram : « Chi !... Agora como é que ha de ser ! »

Levaram o irmão depressa p'ra matta e enterraram-no.

Cortaram uns bambús e espalharam aos pedaços alli por cima da cova ; depois vieram vindo p'ra cidade.

O do meio trouxe um pedaço de um daquelles bambús que estavam em cima da cova do irmãozinho e veio pelo caminho fazendo uma flauta.

Quando os dois chegaram nas ruas da cidade, aquelle que tinha feito a flauta poz a flauta de

bambú na bocca p'ra tocar. E a flauta começou a cantar assim :



Meu ir-mão mais ve-lho foi quem me ma-tou,  
e o do mei-o tam-bem a-ju-dou,  
por cau-sa da mu-la ru-ana  
Qu'el-le não a-chou Chô! passarinho! Do pé de fulô!

« Meu irmão mais velho foi quem me matou, e o do meio também ajudou, por causa da mula ruana que elle não achou.

Chô passarinho!  
Do pé de fulô! »

Quando a flauta acabou de cantar assim, uma porção de pessoas que se tinham ajuntado alli, e ouvido tudo, prenderam os dois meninos e os levaram para a cadeia.

Depois foram lá na matta desenterraram o irmãozinho e o trouxeram p'ra mãe.

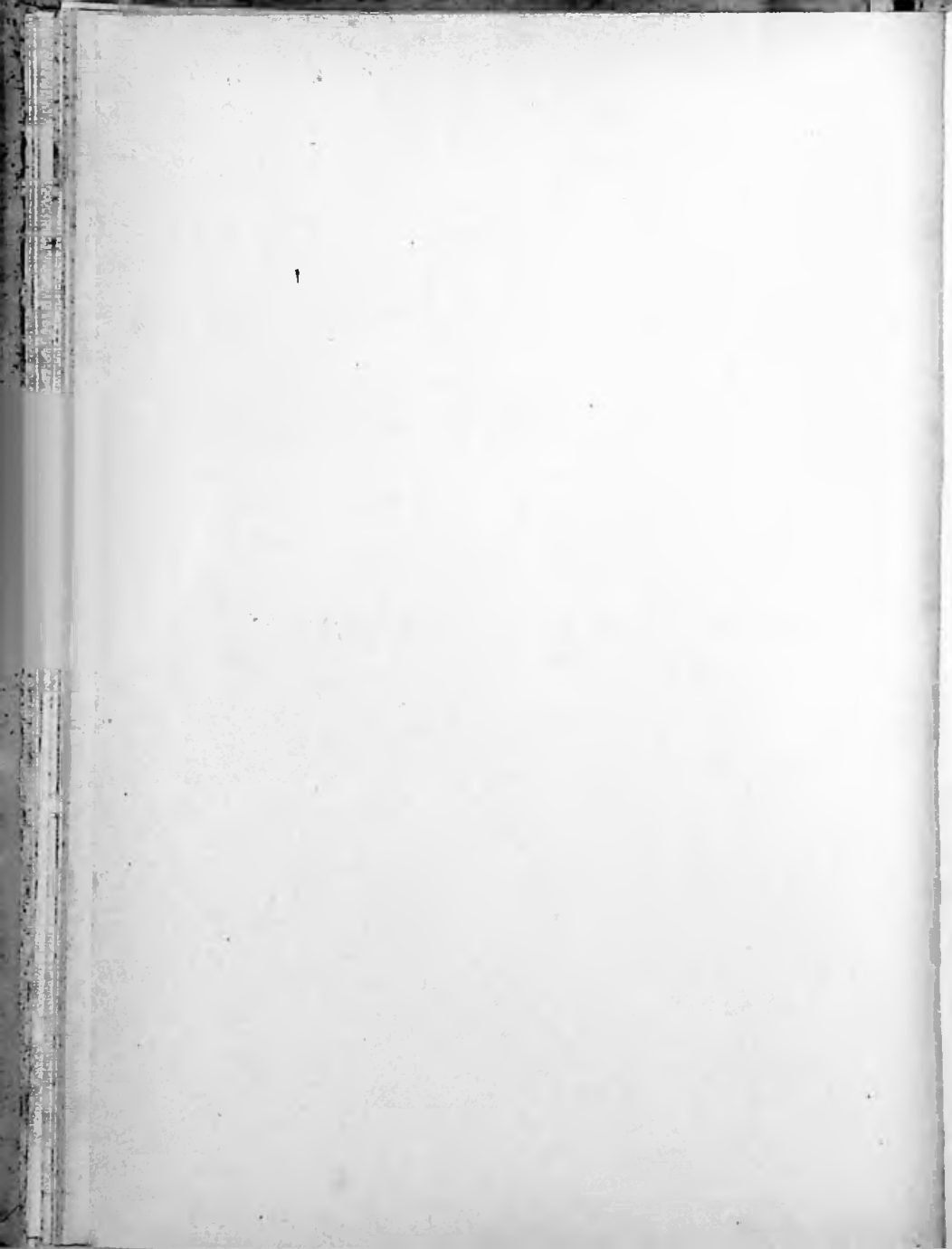
E elle saio de lá debaixo da terra « *vivinho!* » (1).

---

(1) *Vivinho* por *vivozinho* = *bem vivo*.



CANTA, CANTA, MEU SURRAO



## CANTA, CANTA, MEU SURRAO

---

Umã menina pedio licença á sua mamãe para ir á fonte lavar o rosto. Gostava tanto de ver o proprio retratinho nagua do remanso; de correr ao ar livre, de saltar sobre os capins, a grama, que margeavam o regato! Tudo, lá fóra, era-lhe um encanto!...

Mas a mãe disse : « Não, minha filha. Hoje, de todo, não posso te deixar ir á fonte sózinha. »

Ora, a menina estava com muita vontade de ir, muita mesmo. Dentro em pouco veio outra vez, approximou-se da mãe, e tornou a pedir.

A mãe falou baixinho, mas em tom de quem não admittia réplica : « Já te disse que hoje não pôde ser, minha filha... »

A menina, vendo mesmo que não obtinha a licença, quando pilhou a mãe distrahida disse lá

comsigo : « Ora, a mamãe, atarefada como está, nem dá por falta de mim ; eu vou e volto às carreiras. »

Dicto e feito. Tomou depressa o sabonete e a toalha... e... pernas para que te quero ? E lá se foi.

Chegou à fonte com os cabellos ainda a esvoaçar, vermelha e suada de tanto correr. Jogou sobre a grama verde espessa do coradouro o sabão cõr de rosa e a toalha. Tirou das orelhas uns brinquinhos de ouro muito bonitinhos, que a madrinha della lhe tinha dado, e os poz em cima da pedra escura atraz da qual as lavadeiras costumavam esconder seus cachimbos. Mas tudo isso depressa, depressa, num abrir e fechar d'olhos. Esfregou bem as orelhas, o rosto com o sabão, lavou-os nagua corrente, e, sem nem sequer ir se mirar no remanso, como costumava, apanhou a toalha e veio pelo caminho, enxugando o rosto, correndo, para a casa.

Quando a menina, muito alegre e victoriosa, já ia entrando no portão da horta... lembra-se dos brinquinhos.

Volta depressa.

Procura-os na pedra, não acha .. Alli ao redor... no chão... nada.

Na fonte, do outro lado, estava um homem bebendo agua.

Ella, inexperiente, dirigindo-se ao homem, perguntou : « O Sr., não vio os meus brinquinhos de ouro que eu deixei aqui em cima desta pedra ? »

O desconhecido poz a mão direita no bolso do casaco, tirou uns brinquinhos e, balançando-os, lh'os mostrando mal-mal, disse : « Vem ver si são estes. »

A menina, segurando, com ambas as mãos, as saíbas, como faziam as lavadeiras, foi pulando de pedra em pedra e passou-se para o outro lado.

Quando se approximou, para ver si os brinquinhos na mão do homem eram mesmo os d'ella, elle, zás, agarrou a menina, poz dentro do sacco. Com uma corda muito forte, amarrou a bocca do sacco bem amarradinha; pol-o ás costas e, apoiando os seus largos passos num páu muito grande, lá foi caminhando para muito longe.

O homem chamava áquelle páu muito grande « o meu bordão »; e áquelle sacco de couro dentro do qual tinha posto a menina — « o meu surrão ». E lá dentro d'aquelle sacco de couro era « es-cú-ro, quen-te mes-mo! »

« A menina não enxergava nada, nada e quasi que morria abafada. »

Ella gritou; o homem ameaçou-a. Ella pediu, com bons modos, que a deixasse; chorou baixinho, soluçou e o homem nem caso ..

E com o sacco ás costas foi andando, foi andando...

Quando chegou lá num lugar aonde não havia ninguém, elle abriu o sacco e disse á menina que, si ella chorasse mais, apanhava; que daquelle dia em diante ella havia de cantar para elle ganhar dinheiro.

A menina allegou que não sabia cantar.

O homem, mostrando o bordão, disse: « Eu não quero saber de nada. Si não cantas, este bordão te ha de ensinar. »

Disse, e, afundando a cabeça da menina, amar-

rou de novo a bocca do sacco, tornou a pol-o às costas e foi continuando o seu caminho.

Dessa hora em diante, em todo o lugar em que elle via duas ou mais pessoas reunidas, chegava, com o seu surrão às costas, e, batendo com o pau no chão, dizia :

« Canta, canta meu surrão, que eu te dou co'este bordão. »

E o surrão cantava :



« Neste surrão entrei.  
Neste surrão morrerei,  
Por causa dos brincos de ouro  
Que lá na pedra eu deixei. »

E as pessoas, admiradas, davam dinheiro ao homem e iam contando, por toda a parte, que tinham ouvido um surrão cantar.

E cada vez era maior o numero dos que o queriam ouvir. O surrão cantava o dia inteiro... e « não chegava para as encomendas », como lá diziam.

Então nos primeiros dias foi um nunca se aca-

bar. E o dinheiro a chover, e a pobre da menina o dia inteiro sem comer sinão um pão duro.

Depois a freguezia foi rareando e o homem começou a andar d'aqui para acolá com o seu surrão às costas

Ora, aconteceu que um dia, sem elle saber, passou em frente a uma casa nova em que a mãe da menina estava morando.

Com a tristeza do desaparecimento da filha, a mãe tinha adoecido gravemente, e o medico lhe havia ordenado, terminantemente, novos ares, novos climas e distracções.

Mas quando o homem ia passando, a mãe, que já estava muito melhor, avistou-o da janella, e, como já lhe tinham chegado aos ouvidos as maravilhas do surrão, chamou-o : « Psiu ! Psiu ! Psiu !... »

Elle veio, e, como já nem perguntava mais para que o chamavam, foi batendo com o pau no chão e dizendo :

« Canta, canta, meu surrão,  
Que eu te dou co'este bordão. »

A menina cantou :

Neste surrão entrei,  
Neste surrão morrerei,  
Por causa dos brincos de ouro.  
Que lá na pedra eu deixei.

A mãe conheceo logo a voz da filha... sentiu um

grande aperto no coração... e vieram-lhe as lagrimas aos olhos.

Mas reprimiu-as.

Dominou-se e reflectio.

Quando conseguiu calma para falar, disse : « O Sr. é servido de almoçar ? O meu almoço está promptinho. Vae agora mesmo para a mesa. »

O homem respondeu :

— Enjeitar de comer, eu não enjeito. Dona.

A mãe disse : « Pois então o Sr. me faça o favor de esperar um pouquinho aqui. Eu vou tirar o almoço. »

Disse e entrou lá para dentro. Dalli a um instantezinho voltou com uns nickeis na mão, dizendo : « Não sei como ha de ser : eu não posso de todo almoçar sem farinha ; estou sem nenhuma em casa e não tenho quem mande alli na venda a comprar um bocadinho que seja. »

O homem do surrão, correspondendo amabilidade com amabilidade, disse : — Si a Dona quer, eu vou.

Ella, mostrando-se penhorada, deu-lhe o dinheiro. Elle o recebeu e foi.

Apenas o homem do surrão foi acabando de sair, para comprar a farinha, a mãe da menina passou a chave á porta, carregou o surrão para o quintal, tirou a filha lá de dentro d'elle, beijou-a abraçou-a, ás carreiras, e escondeu-a.

Levou depressa o surrão para junto do monturo de esterco lá no fim da horta, e poz, no lugar da menina, uma porção de estrumes de todas as quali-



dades, e de cacos de vidro, e de pedaços de paus, de pedras, de palhas, de trapos, enfim de todas as cousas sujas e mal cheirosas que poudes arranjar.

Lavou as mãos: amarrou a bocca do surrão bem amarradinha e collocou-o direitinho no mesmo lugar, e na mesma posição em que o homem o tinha deixado.

Feito isso, mudou de roupa, lavou outra vez as mãos, perfumou-as e veio para a sala esperar o convidado.

Dalli a um pouquinho chegou elle, muito alegre, trazendo a farinha.

A mãe da menina, recebendo-a, disse: « Muito obrigada. Agora sim, eu já posso almoçar satisfeita. »

E, apontando para a mesa do almoço, disse: « O Sr. sente-se. »

E preparou-lhe um pratarraz immenso de comida.

O homem « bateu-o » todo, agradeceo, despedio-se, poz o surrão ás costas e saio.

Foi caminhando, caminhando, e sentio uma necessidade immensa de dormir.

Logo que achou uma boa sombra, atirou o surrão para um lado, espreguiçou-se, recostou-se no tronco da copada arvore, e, alli mesmo na beira da estrada adormeceu.

Quando accordou, já era de tardinha. Levantou-se, repoz o surrão ás costas, e foi andando...

O caminho era cheio de voltas. Após uma dessas, avistou de repente uma cidade desconhecida.

Muito contente, disse lá com os seus botões: « Agora sim é que eu vou ganhar um dinheirão !. . »

Teve impetos de saltar de contente: e apertou os passos para chegar á cidade antes da noute.

Logo ao entrar encontrou, numa ponte, um grupo de pessoas a admirar as gatimônhas de um macaquinho vestido e acorrentado, e a se rirem com as danças do pobre mico ao som de um realejo.

Parou tambem, ficou vendo e esperando a sua vez de causar admiração ainda maior, de ganhar ainda mais dinheiro que o homem do macaquinho.

« Quanta gente! Realmente, eu estou hoje na maré das felicidades! » — dizia elle lá consigo. E, assim pensando, logo que o macaquinho acabou de dançar, elle bateu com o pau no chão e disse:

« Canta, canta, meu surrão.

Que eu te dou co'este bordão! »

O surrão calado.

Elle tornou a bater:

« Canta, canta, meu surrão,

Que eu te dou co'este bordão! »

Mas qual!... O surrão nada de cantar.

O homem ficou damnado; poz-se a dar bordoadas e mais bordoadas no surrão com quantas forças tinha.

Quando foi na quinta ou sexta bordoada, as cousas mal cheirosas todas começaram a espirrar nelle e nas pessoas alli ao redor; os cacos de vidro a saltar e elle com os olhos fechados, cego de raiva, a dar,

a dar... no surrão... nem via, nem sentia... Todos foram correndo para longe... Mas alguns que tinham sido obsequiados no rosão com aquelles cacos de vidros, perfumes, etc., ficaram furiosos, e, quando o homem parou de dar, o agarraram e o levaram preso para a cadeia.

É acabou-se a historia  
Da Dona Victoria,  
Quem ouviu essa  
Que conte outra.

---



# AGUA DA LATUMBA

HISTORIA



# AGUA DA LATUMBA

## HISTORIA

---

Dois meninos foram ao matto buscar um cipó para fazer remedio para os olhos do pae.

Quando o mais moço estava muito occupado, procurando o cipó, o mais velho vio um passarinho. Foi atirar no passarinho, acertou no irmão e matou.

E, morto, caio o irmão alli mesmo em cima da pedreira.

Aquelle matto era juntinho duma pedreira e a estrada passava alli perto.

Então o que matou, arrastou o outro para junto de um capinzal; depois, pegou no corpo do irmão e atirou lá bem no meio dos capins do brejo.

O que matou chamava-se José; o outro, que estava procurando o remedio, chamava-se João.

Quando o José chegou à casa, a mãe perguntou pelo Joãozinho. Elle respondeu que não sabia.

Passou muito tempo e Joãozinho não voltava. Noticia delle ninguem dava.

Quando foi no tempo da sêcca, a mãe saio com o pae a procurar o filho

Quando ella passou na estrada, viu aquella caveira alli naquelle capinzal: mas não sabia que era « o filho ».

Andou, andou ; perguntou, perguntou e voltou para casa muito triste.

Um dia, passou na estrada um boiadeiro e viu aquella caveira alli. Caminhando, tocou com o cabo da foice na caveira e a caveira cantou assim :

To - cae to - cae con - sen - ti - dor  
me ma - tou na pe - dra fu - ra - da  
m'en - ter - rou na la - ma da la - mei -  
-ra agua da la - tum - ba pe - los o - lhos de meu pae



Tocae, tocae  
Consentidor ;  
Me matou  
Na pedra furada ;  
M'enterrou  
Na lama da lameira...  
Agua da Latumba,  
Pelos olhos de meu pae.

O boiadeiro parou, escutou. Depois apanhou-a e saio pelo mundo ganhando dinheiro com aquella caveira que cantava. Em toda a parte que elle ia, mandava uma pessoa tocar a caveira, e a caveira cantava :

Tocae, tocae  
Consentidor ;  
Me matou  
Na pedra furada ;  
Me enterrou  
Na lama da lameira...  
Agua da Latumba  
Pelos olhos de meu pae.

E as pessoas davam dinheiro ao boiadeiro.

E a fama da caveira corria; e toda gente queria pagar para ouvir a caveira cantar.

Um dia, elle vinha muito cansado : pedio pousada numa casa de um ceguinho e de uma velhinha. A velhinha era muito pobre, mas deu.

Elle foi, tirou a caveira e deu para a velhinha tocar.

Quando a velhinha tocou, a caveira cantou assim :

Tocae, tocae,  
Minha mãezinha  
Me matou  
Na pedra furada ;  
Me enterrou  
Na lama da lameira...  
Agua da latumba  
Pelos olhos de meu pae (1).

Então os dous velhinhos pediram ao boiadeiro para ir com elles mostrar aquella caveira ao padre.

E elles foram todos juntos à igreja. Quando o padre « tocou a caveira », a caveira cantou assim :

Tocae, tocae  
Consentidor,  
Me matou  
Na pedra furada ;  
Me enterrou  
Na lama da lameira...  
Agua da latumba  
Pelos olhos de meu pae.

O padre disse que a caveira era a do menino que o irmão tinha matado.

O boiadeiro já estava rico de tanto ganhar co'a caveira ; deu-a, pois, para que o padre a enterrasse na egreja.

---

(1) A musica destes versos é a mesma dos precedentes.

D. SYLVANA



## D. SYLVANA

---

Um pae tinha seis filhos, — tres filhas e tres filhos.

A mais bonita das tres filhas era a do meio. E o nome della era — Sylvana.

Um dia o pae veio e pediu a D. Sylvana em casamento. Ella disse que não. Mas o pae queria muito e tornou a pedir. Então ella disse assim : « Só si papae me dêr um vestido côr do céu com todas as estrellas. »

O pae, como tinha muita vontade de casar com a filha, procurou, procurou o vestido; afinal achou e trouxe.

A filha ficou muito desapontada; não esperava de todo que o pae pudesse encontrar um vestido como aquelle. Mas disse : « Agora, papae, eu quero lhe pedir mais uma cousa. »

O pae disse : « Pois peça. »

E ella : « E' que papae me traga um vestido côr do mar com todos os peixinhos. »

O pae saio : andou, andou, andou; procurou, procurou, procurou; afinal trouxe o vestido e disse :

« Aqui está o vestido. Agora vamos para a igreja casar. »

A filha ficou muito triste; mas vestio-se e foi.

Quando chegaram à igreja, o pae disse :

« Dá-me a tua mão direita. »

Ella disse : « Não dou. »

Elle : « Dá-me a tua mão esquerda. »

Ella disse : « Não dou. »

O pae ficou muito zangado. Agarrou a filha, levou lá para o alto de uma torre que elle tinha mandado fazer no alto de uma montanha e deixou-a lá, sem nem uma gotta d'agua para beber.

Quando foi o fim do anno, Nossa Senhora appareceu lá na montanha e achou a moça quasi morta.

Perguntou o que ella estava fazendo alli.

Ella respondeu : « Foi meu pae que me poz aqui, porque elle queria casar commigo e eu não quiz. Estou morta de sede. »

Então Nossa Senhora, segurando a moça pela mão, desceo com ella da montanha, chegou perto de um corregozinho, deu-lhe uma gotta d'agua a beber, e disse : « Agora eu não posso dar mais.

Vae lá para sua casa; quando você chegar, ha de achar todos os seus irmãos nas janellas.

Na primeira janella você achará seu irmão mais velho; na segunda sua irmã mais velha; na terceira seu irmão do meio; na quarta sua irmã mais moça; na quinta seu irmão mais moço; na sexta janella sua mãe; na setima seu pae.

Pois bem; chegando lá, você peça agua, a cada um por sua vez, cantando assim...

E Nossa Senhora ensinou como ella havia de cantar.

D. Sylvana aprendeu, beijou a mão á Nossa Senhora, e foi.

Chegando lá, achou todos nas janellas, tal qual como N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> tinha dicto.

E fez tal qual como N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> tinha ensinado.

Parou primeiro em frente á primeira janella, aquella em que estava o irmão mais velho, e cantou assim :



Deus vos sal-ve, Vos-so Pae, U-ma got - ta d'a-gua  
eu pe - ço Se - ja pe - lo a - mor de Deus

O irmão respondeu :



U-ma got-ta d'a-gua não vos pos-so dar Nos-so pae  
já nos ju-rou De quem der a - gua  
Syl-va-na Vae o pes-co - ço de - gol-lar

E depois continuou :



Ella passou á outra janella e cantou :

« Deus vos salve, Vossa Mana,  
Uma gotta d'agua eu peço,  
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

A irmã mais velha respondeu :

« Uma gotta d'agua  
Não vos posso dar,  
Nosso pae já nos jurou  
De quem der agua Sylvana  
Vae o pescoço degollar. »

Depois disse :

« Passae á outra janella  
Onde está o Vosso Mano. »

D. Sylvana passou á outra janella, em que estava  
o irmão do meio, e cantou :

« Deus vos salve Vosso Mano  
Uma gotta d'agua eu peço,  
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »



O irmão do meio respondeu :

« Uma gotta d'agua  
Não vos posso dar,  
Nosso pae já nos jurou  
De quem der agua Sylvana  
Vae o pescoço degollar. »

E depois :

« Passae á outra janella,  
Onde está a Vossa Mana »

Ella passou para frente da janella em que estava  
a irmã mais moça, e cantou :

« Deus vos salve, Vossa Mana,  
Uma gotta d'agua eu peço,  
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

A irmã respondeu :

Uma gotta d'agua  
Não vos posso dar,  
Nosso pae já nos jurou  
De quem der agua Sylvana  
Vae o pescoço degollar. »

Depois disse :

« Passae a outra janella  
Onde está o Vosso Mano. »

Ella passou para em frente à janella, em que estava o irmão mais moço, e cantou :

« Deus vos salve, Vosso Mano,  
Uma gotta d'agua eu peço,  
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

O irmão mais moço respondeu :

« Uma gotta d'agua  
Não vos posso dar,  
Nosso pae já nos jurou  
De quem der agua Sylvana  
Vae o pescoço degollar. »

E depois :

« Passae a outra janella  
Em que está a vossa mãe. »

E ella passou e cantou. A mãe tambem respondeo que não podia dar, e mandou que ella passasse á outra janella em que estava o pae.

E ella obedeceu e cantou :



O pae respondeu :



« Então a filha cantou assim :

Eu vos dou a mão direita  
E a esquerda, si quizerdes,  
Uma gotta d'agua eu peço,  
Dae-m'a pelo amor de Deus. »

E o pae respondeu depressa :

(Cantando :)

« Corram, corram meus creados  
Mais depressa que puderem,  
Tragam uma salva d'agua  
Para a senhora Sylvana. »

Quando os creados vinham chegando com a salva d'agua, o pae caio para traz morto do lado de dentro, e D. Sylvana pr'a traz morta do lado de fóra.

E appareceram logo sete anjos trazendo um lençol

branco. Embaixo do lençol estava uma cadeira. Elles sentaram D. Sylvana naquella cadeira de braços forrada com aquelle lençol muito clarinho e foram levando para o céu.

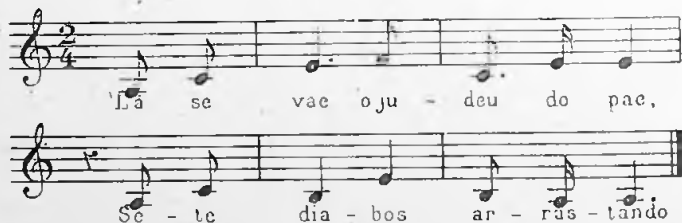
A mãe e os irmãos cantaram assim :



La se vae dona Sylvana  
Subindo co' os sete anjos.

Depois vieram sete diabinhos, com espetos, e foram arrastando o pae para o inferno.

E os que estavam presencendo aquella scena, cantaram assim :



La se vae o judeu do pae  
Sete diabos arrastando.

O CEGO



## O CEGO

---

Um príncipe riquíssimo tinha muita vontade de se casar com uma moça pauperrima, que elle achava muito bonita.

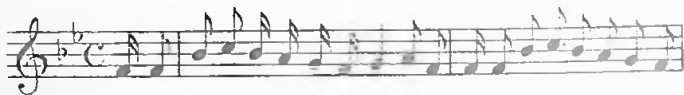
A moça não queria ; mas a mãe d'ella queria muito. E ella sempre a insistir e a moça sempre a dizer que não, que não ; que não havia de casar com o príncipe, nem por nada. O príncipe foi, ajustou com a mãe de se fingir de cego e vir, á noite, roubar a moça.

Quando foi hora de todos dormirem em casa, a mãe foi se deitar e a menina ficou sentada junto á roca fiando o seu linho, como sempre.

Dalli a um pedacinho ella ouviu uma voz cantar assim :

Sou um pobre cego  
Que ando sózinho  
De dia, de noite,  
Errando o caminho.

Depois ouvio baterem á porta — toc, toc, toc...  
Então elle cantou :



A-cor-dae, ó mãe . do seu bom dormir, A-cor-dae, ó mãe ., do seu



bom dor-mir Quea-qui 'stá um ce-go a can-tar e pe-dir



Que a-qui 'stá um ce-go a can - tar e pe-dir

Acordae, ó mãe,  
Do seu bom dormir } *Bis*  
Que aqui'stá um cégo } *Bis*  
A cantar e pedir.

A mãe de lá da cama mesmo respondeu :

Si elle canta e pede,  
Dê-lhe pão e vinho,  
Para o pobre cégo  
Seguir seu caminho.

E o céguinho lá do lado de fóra :

Não quero seu pão  
Nem tambem seu vinho,  
Quero que a menina  
Me ensine o caminho.



Então a mãe disse assim : « Vae, minha filha, vae ensinar o caminho ao pobre do cêgo. »

A menina não queria ir. A mãe insistio : afinal ella cedeu e foi. Saio ; deu a mão ao extravia'o ; e foram andando — ella adiante, elle, ceguinho, atraz.

Andaram, andaram até chegar a uma encruzilhada. A moça parou e disse : « Agora estamos na encruzilhada ; o caminho da esquerda vae dar na matta virgem : o da direita na estrada larga. O Sr. siga por este que vae bem. Agora eu volto. Adeus ! »

— Agora, você é minha — disse elle : e dizendo, agarrou a moça ; assobiou, dando um signal.

Logo surgiram da matta, como si de uma gruta encantada, uma porção de lanternas e archotes de todos os tamanhos ; luzes de varias côres a illuminarem uma porção de homens que s'encaminhavam em direcção a elles. A moça disse :

« Valha-me o nome  
De Nossa Senhora  
Que eu nunca vi gente,  
Como vejo agora. »

Elle deu outro signal e logo appareceu uma porção de homens a cavallo, sem que ella percebesse como, nem d' onde. Vendo-os, disse :

« Valha-me o nome  
Da Virgem Maria,  
Que eu nunca vi cêgo  
De cavallaria. »

Então elle disse assim :

Eu não era cégo { *Bis*  
Nem cégo seria  
Eu era um principe  
Que por ti morria.

E fez a moça entrar numa cadeirinha e mandou que aquelles homens a levassem. Elle montou a cavallo e os foi acompanhando sempre pertinho da cadeirinha, até um lugar em que estava uma barca presa; e dentro da barca outra porção de homens.

Em chegando, mandou arrear a cadeirinha; deu a mão á moça para descer.

Depois, apontando com a outra mão para a barca toda illuminada tambem por archotes, cantou assim :

Eu não era cégo,  
Nem cégo seria,  
Embarcae Joanna  
Ficarás Maria.

E, levando a moça, foi-se encaminhando para a barca. Entrou primeiro, ajudou-a a s'embarcar; mandou que largassem a barca e foi-se embora com a moça para muito longe.

Si lá nessas terras muito longe, aonde, deslizando pelo rio abaixo foram parar, elle mandou enroupar a moça e casou com ella mudando-lhe o nome como é uso entre as princezas. não nos conta a historia;

mas é de suppor-se que sim, que o fizesse; e que tal fosse a promessa feita por elle á mae da moça.

E com certeza foi.

E certamente o fez.

N.-B. — Os versos todos são cantados, e, mais ou menos, pela mesma musica.

*Pergunta* : Não proviria desta historia o dicto popular ironico : « Fie-se no cego ! » ?

---



FLOR-DE-PINHO



## FLOR-DE-PINHO

---

Um homem queria convidar qualquer um para ser padrinho do filho.

Um dia appareceu um e disse que queria ser.

O pae accitou.

O sujeito disse : « Mas ha de ser com a condição de ir o afilhado para a minha companhia quando fizer sete annos. »

O pae disse : « Pois sim. »

— Então no dia em que elle fizer sete annos, eu o mandarei buscar por uma moça muito bonita encantada numa burrinha...

O pae respondeu : « Está dito. »

No dia do sétimo anniversario do menino, vieram buscal-o e elle foi muito alegre para a casa do padrinho.

No caminho, zig-zagueiando contente pela estrada afóra, vio nuns capins muito verdinhos uma penna de ave dourada, linda como nenhuma!

Vio e disse : « Burrinha, Burrinha, eu vou levar aquella penna de ave de prenda para o meu Padrinho. »

A Burrinha disse : « Menino, não apanhes aquella penna, que aquella penna te ha de dar penas pelo chorar !... »

O menino não fez caso do aviso. Teimoso, correu pelo prado a dentro, apanhou a penna, voltou muito alegre e continuou a caminhar ao lado da Burrinha. Caminharam, caminharam... Quando chegaram, elle tomou a benção ao Padrinho e disse, contente : « Meu Padrinho, esta penna aqui eu trouxe de prenda para o senhor. »

O Padrinho tomou a penna que o menino lhe apresentava, mirou-a, mirou-a e disse : « E' bonita ; é. Agora eu quero que me vãs buscar o dono desta penna. »

— Isso eu não posso, porque não sei quem é — disse o menino.

O Padrinho, já meio zangado :

« Eu não quero saber de nada : possas ou não possas, o que eu quero é o dono da penna. Si não



m'o trouxeres, has de ver ! » E ameaçou o menino.

O menino foi se ter com a Burrinha e disse-lhe : « Burrinha, Burrinha, valha-me, que meu Padrinho me mandou buscar o dono daquella penna ! »

E ella : — Quê qu'eu te disse ? Eu não te disse que aquella penna havia de te dar penas pelo chorar ? Então queres mesmo ir buscar o dono daquella penna para o teu Padrinho ?

O menino respondeu : « Quero. » E ella : — Pois então vê um tacho de cobre virgem ; compra vinho virgem, põe dentro do tacho e leva-o lá para os lados daquelles caminhos por onde nós viemos.

Quando um passaro, que vem clareando o mundo inteiro, vier tomar banho dentro do tacho... prende-o, leva-o para o teu padrinho.

O menino assim fez.

Foi á venda e comprou o tacho e o vinho.

Poz um embornal a tiracollo para a direita e outro para a esquerda ; dentro de cada um, um garrafão do vinho ; na cabeça, uma rodilha ; em cima, o tacho ; e assim bem carregadinho, lá se foi estrada afôra.

Andou, andou, andou... quando chegou mais ou menos no lugar do caminho em que elle tinha apanhado a penna da ave, depoz no chão o tacho, encostou nelle os garrafões e foi arranjar tres pedras para fazer uma trempe.

Trouxe uma, depois outra, depois outra ; dispol-as em trempe ; calçou os garrafões com a rodilha ; tirou o tacho pol-o em cima das pedras ; verificou si

estava bem firme, e só então despejou dentro delle o vinho.

Feito isso, foi postar-se a uma certa distancia e ficou bem quietinho, esperando.

Esperou, esperou, muito tempo. Quando já estava quasi a desanimar, sentio de repente doer-lhe nos olhos um clarão muito grande. Cerrou as palpebras e levou instinctivamente uma das mãos aos olhos. Depois, com essa amparando a força da luz, olhou ao redor de si... para cima e para traz. Vio então um passaro muito claro, muito bonito e muito grande com umas pennas douradas immensas, que vinha lá do alto .. lá do céu !...

Era d'elle que vinha aquella luz.

O menino ficou deslumbrado. Na sua vida nunca vira uma ave tão linda, tão bonita !

Mas quando o passaro lá das alturas vio o tacho, veio descendo, veio descendo... chegou pertinho... olhou... mirou... — afinal não poudo resistir : entrou nelle e poz-se a tomar banho, a dar mergulhos com a cabeça, a afundar dentro do vinho, ora uma, ora outra das suas duas grandes e bellas azas...

O menino que, desde que a ave entrára no tal banho, viera se approximando devagarinho... pilhando — a muito entretida na sua delicia, *záz*, deita-lhe a unha e segura-a com quantas forças tem.

O passaro quiz debater-se .. quiz voar... Mas a cabeça andava-lhe a roda ; as azas... essas estavam tão pesadas, tão molhadas !...

Quiz servir-se das garras, quiz bicar o menino, luctar... Impossivel ! Nunca sentira uma cousa assim.

E cabisbaixo, triste, lá se foi o lindo passaro prisioneiro do afillhado do Diabo.

..

Apenas o menino foi chegando, o Padrinho foi segurando o passaro pelas pernas, foi mirando e foi dizendo :

« Flôr-de-Pinho, Flôr-de-Pinho, isso é arte da Guimar ! »

Flôr-de-Pinho respondeu (Flôr-de-Pinho era o nome do menino) :

« - Santo Antonio leve a mim, Diabo leve meu Padrinho.

Si eu vi Guimar.

Si Guimar vio a mim. »

(Guimar era o nome da filha do Padrinho.)

Quando o menino disse isso, ahi, o Diabo, levando comsigo a ave, desapareceu.

..

No outro dia o Padrinho disse : « Flôr-de-Pinho, Flôr-de-Pinho, agora eu quero que você vá procurar, e me traga, o annel da sua madrinha. Quem achou o dono da penna, tambem pôde achar o annel. » (A madrinha de que elle falava, era a mulher do Diabo.)

O tom em que o Diabo falou, era tão decisivo, a cara d'elle tão feia, tão zangada, que, desta vez, Flôr-de-Pinho nem sequer teve coragem para dizer

que elle nunca tinha visto o anel da madrinha e que nem sabia de que feitio elle era.

Quietinho, de cabeça baixa, as lagrimas a lhe correrem pelas faces, disse : « Sim Senhor. »

Quando o Padrinho desapareceu d'alli, elle foi se apegar com a burrinha : « Burrinha, Burrinha, valha-me que meu Padrinho me mandou procurar o anel da minha madrinha e eu não sei como elle é, nem onde elle está. »

A Burrinha : « Quê qu'eu te disse ? Eu não te disse que aquella penna havia de te dar penas pelo chorar ?

« Agora toma aquelle anzol e vae pescar alli junto daquellas pedras. Quando um peixe muito grande dêr um puxão forte no anzol, lucha com elle, até sacal-o fóra, porque esse é o peixe que tem na barriga o anel de sua madrinha. »

O menino assim fez.

Tomou o anzol da Burrinha, arranjou umas iscas e foi. Teve, porém, de ficar um dia inteiro a pescar debaixo de um sol ardente, e sem comer, e sem beber.

Era quasi noite quando elle chegou, trazendo o anel da madrinha.

Tinha-o achado mesmo dentro da barriga de um peixe enorme, que muito lhe custára a pescar, a matar e a extripar sózinho lá na praia do mar irado.

Quando o Padrinho vio o afilhado, que chegava com o anel na mão, disse : « Flôr-de-Pinho, Flôr-de-Pinho, isso é arte da Guimarães. »

Flor-de-Pinho respondeu :

« Santo Antonio leve a mim,

Diabo leve meu Padrinho,

Si eu vi Guimar,

Si Guimar,

Vio a mim. »

E logo o Padrinho desapareceu, levando o anel.



No dia seguinte o Padrinho foi chegando e foi dizendo :

« Flôr-de-Pinho, Flôr-de-Pinho, vae buscar lenha no matto que eu quero fazer aqui um fogaréu muito grande. Bastante lenha. »

O menino saiu e foi.

Então o diabo chamou a filha e disse : « Guimar, arêia aquelle tacho, enche-o d'agua e põe-no a ferver. »

Guimar esfregou o tacho bem esfregadinho com areia, cinza e laranja azeda ; lavou-o, enxaguou-o e assentou-o sobre as tres pedras grandes e chatas que alli estavam no chão, dispostas em trempe.

Quando ella já vinha entrando com o terceiro balde d'agua, é que Flôr-de-Pinhó veio chegando com um feixe grande de lenha no hombro.

Elle atirou, depressa, o feixe no chão e ajudou a Guimar a despejar a agua no tacho.

Depois os dous foram arranjar a lenha na trempe e cuidar de accender o fogo. Dispuzeram a lenha sob

o tacho e alli sobre as extremidades mais finas dos páus foram arranjando palhas desfiadas, gravetos, torresmos e folhas seccas.

Com um isqueiro fizeram fogo.

Assopraram-no primeiro com a bocca, depois com uma peneira e depressa arranjaram um enorme fogaréu, sem incommodar a mulher do diabo para lhes dar um tição.

Tinham um medo della que se pellavam.

Emquanto a agua fervia, dous se sentaram, um ao lado do outro.

A Burrinha pensou um pouco, depois disse baixinho : « Chi ! Flôr-de-Pinho, vamos fugir que eu acho que o que o nosso pae quer é nos matar e pôr no tacho fervendo. » (Guimar mesmo é que andava encantada na Burrinha. Ella era uma moça muito bonita. Era filha do diabo, mas era afilhada de Nossa Senhora.)

Flôr-de-Pinho disse : « Mas como ? »

Ella disse : « Arranja depressa um papelinho com sal ; outro com aquelles alfinetes. Depressa, depressa, e saiamos ás carreiras. »

Arranjado tudo num instantinho, os dous saíram de casa mui devagarinho, pé ante pé. Depois puzeram-se a correr.... a correr... a correr...

Quando o diabo pensou que já era tempo da agua estar fervendo, deu um berro, chamando : — « Flôr-de-Pinho ! » E Flôr-de-Pinho nada de responder. Elle muito zangado gritou : « Guimar ! Guimar ! »

Guimar nada de responder. Então elle furioso saio em procura dos dous. Foi aonde estava o tacho fer-

vendo e depois percorreo commodo por commodo toda a casa, e nada.

Então foi olhar para o caminho e deu com duas figurinhas sumindo lá longe no alto do morro.

E saio logo a correr-lhes ao encalço. Quanto mais corriam ellas, mais corria o Diabo.

Como as pernas delle eram muito grandes, houve uma hora em que elle esteve quasi pega não pega os fugitivos...

Flôr-de-Pinho, a tremer, disse : « Guimar, Guimar, como é que ha de ser ? »

E ella : « Não tem nada, não. Joga p'ra traz o papelinho de sal. »

Flôr-de-Pinho jogou-o.

E logo appareceu um mar muito grande, muito bravo entre elles e o Diabo.

O Diabo estava numa das margens e elles na outra opposta.

O Diabo olhou... olhou... considerou... considerou... e... desanimou... — Atravessar a nado um mar tão bravo e tão grande !... — Voltou para a casa.

A mulher, quando o vio chegar sem Guimar nem Flôr-de-Pinho, disse : « Como é isso, marido, então você volta sem elles ? »

O Diabo foi, contou a historia, acabando por dizer que à vista daquelle mar tão agitado, tão grande, desanimára de poder alcançal-os.

Ella, muito zangada, ralhou, ralhou, e depois caçoou do marido : « Ora essa, você um homem que tem a seu cargo o mundo inteiro, não poder alcançar dous creanças !... Que vergonha ! »

O Diabo, muito irritado, saio e pôz-se de novo a perseguir os fugitivos.

Quando estava outra vez pega não pega os dous, Flôr-de-Pinho tornou a dizer : « Guimar, Guimar eu não posso correr mais ; como é que ha de ser ? »

Ella : « Joga p'ra traz o papelinho de alfinetes ! »

Elle jogou e logo appareceu um monturo enorme todo coberto de espinhos de-judeu.

O Diabo pensou em rodeal-o ; vio que era muito grande ; andar por cima d'aquelles espinhos... impossivel.

Desanimou e voltou para a casa.

A mulher zangou-se de novo, caçoou delle, e fei-o voltar.

Quando elle estava outra vez quasi pega não pega os dous, Guimar jogou p'ra traz o papelinho de cinza e, no mesmo instante, appareceu alli uma lagoa immensa com uma porção de marrequinhos nadando.

Elles dous de um lado da lagoa e o Diabo do outro.

Quando o Diabo foi querendo entrar na lagoa para atravessal-a, a agua da lagoa virou sangue. O Diabo horrorizado com aquella porção de sangue, deu-lhe as costas, e voltou à casa.

A mulher tornou a caçoar : « Elle, um homem, deixar-se zombar por duas creanças..., Que vergonha ! »

O Diabo furioso voltou.

« Desta vez — dizia elle — haja o que houver, eu hei de agarral-os. »



Correu, correu, correu... afinal pareceu-lhe que eram os dous fugitivos umas figurinhas que avistava lá num morro muito longe... muito distante.

Foi até lá; chegando perto, vio que as fórmãs que de longe lhe pareciam os fugitivos eram — uma egrejinha muito pequeninina ou talvez o padre e o sacristão... Mas estes, no momento em que elle entrou na igreja, estavam ambos occupados, um a dizer e o outro a ajudar a missa.

Ora, alli do alto do morro em que estava aquella capellinha, avistava-se a mais de tres leguas de distancia...

O horizonte por todos os lados era bellissimo. O dia claro e lindo. E, em toda aquella extensão, nem sombra dos fugitivos.

O Diabo lá do alto olhou, examinou, considerou e... desanimou.

Chegando á casa, contou a mulher o que tinha visto e observado.

Ella tornou : « Ora, você foi um tolo; nem sei mesmo como diga — um toleirão... Si você tivesse tirado da parede da igreja dous torrões e jogado no chão — um virava Guimar e outro Flôr-de-Pinho. »

« Volta lá. Vae buscal-os. »

O Diabo voltou. Quando chegou no cume do tal morro alto o que achou foi um jardim todo verdinho, muito bem tratado e nelle uma rosa só, muito grande e muito bonita.

Beijando a rosa estava um beija-flor.

Quando o Diabo ia estendendo a mão para apa-

nhar a rosa, o beija-flor, zás, bicou, bicou, nos olhos do Diabo.

Elle, tonto de dôr, tapou-os com ambas as mãos e, como não estava acostumado a soffrer, esqueceu tudo que não fossem os seus olhos magoados.

Veio correndo depressa, depressa para a casa.

Mas, em chegando, a mulher tornou a se zangar com elle, dizendo que devia ter trazido a rosa. Ordenou-lhe que voltasse, que fosse buscal-a.

Elle, porém, que não estava acostumado a tanto obedecer e a soffrer, disse que não; que com os olhos assim machucados, não arredaria o pé de casa.

E não mais voltou a perseguir os fugitivos.

..

Guimar e Flôr-de-Pinho foram andando, foram andando e chegaram a uma cidade.

Guimar disse : « Eu estou com medo de entrar nessa cidade. E' tempo de festa e eu não sei si se pôde entrar.

Flôr-de-Pinho disse : « Eu sei : pôde-se. »

Mas era uma mentira que elle pregava, porque elle não sabia.

E elles entraram.

Como o Diabo já se tinha esquecido delles, Flôr-de-Pinho virou um moço muito bonito e Guimar uma moça de uma belleza deslumbrante, vestida com o mais lindo vestido da festa.

Um invejoso vio-a e foi dizer ao rei daquela cidade que uma moça muito bonita, com um vestido

assim, assim (e descreveu o vestido) tinha dicto que nem a princeza possuia um vestido tão lindo como o seu.

O rei, muito aborrecido, deu ordem para que prendessem a moça mais bonita e mais bem vestida da festa, e a trouxessem ao palacio.

Quando Guimar soube da ordem do rei, disse :

« Permitta meu encanto que o meu vestido fique igual ao de todas. »

Immediatamente aquellas suas lindas vestes desapareceram ; ella ficou vestida como toda a gente ; e os soldados não acharam a quem prender.

Mas Guimar teve medo de que o invejoso se lembrasse dos seus traços e fosse denunciá-la.

Assim disse a Flôr-de-Pinho que o melhor era elles irem se alojar fora do centro da cidade.

E assim fizeram.

Ficaram numa das ultimas casas do arrabalde mais pobre da cidade. E só naquella casinha muito pequenina puderam elles dormir o seu primeiro sono tranquillo.

No outro dia, Flôr-de-Pinho disse a Guimar que estava com muitas saudades da mãe d'elle e com muita vontade de ir vel-a ; que era melhor ella ficar alli descansando, enquanto elle ia sózinho procurar pela mãe.

Guimar disse : « Pois bem, eu fico e você vae. Mas chegando a' sua casa, não abrace sua irmã mais velha, sinão você me esquece. »

Elle disse : « Pois sim. Adeus. » E foi mesmo com muita tenção de não abraçar a irmã e de voltar logo

Mas, ao chegar, ficou tão alegre de ver a mãe e a irmã, que, ebrio de prazer, abraçou-as, ambas.

E logo esqueceu todo o passado e Guimar.

E ella ficou lá sózinha naquella cidade desconhecida.

Passou muito tempo e Flôr-de-Pinho não voltava.

Guimar, muito triste, saio d'aquella casinha foi andando por uma estrada velha e abandonada quasi, e... virou uma pedra.

A pedra foi crescendo, foi crescendo e virou uma pedreira.

Afinal um dia alli pela raiz da pedreira passou um carro de bois cantando : nhên... nhon.. xen.. xon...

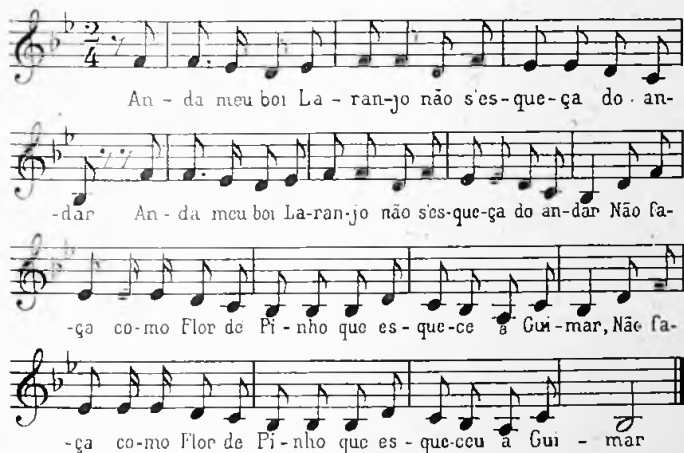
Os bois vinham muito cançados, babando e mal podiam pôr um pé adiante do outro.

Pudéra não ! Uma viagem tão longa e em tão ruins caminhos ! Não era para menos.

Mas o carreiro lá vinha deitado em cima dos saccos e das palhas, e pobre do candieiro pequenino, todo esfarrapado, barreado, calças enroladas até acima dos joelhos, chapéo de palha sem copa e espedaçado nas beiras, activava-se incansavel, e aos bois para darem conta da tarefa. « E ia Laranja ! E ia Pintoro » — dizia, sincando o comprido mangoal ferrado, ora num, ora noutro dos bois.

E o ferrão trabalhava, trabalhava, mas os pobres dos bois é que já nem sangrando obedeciam.

Então Guimar começou a cantar assim :



« Anda meu boi Laranjo } *bis*  
Não t'esqueças do andar, }  
Não faças como Flôr-de-Pinho } *bis*  
Que esqueceu a Guimar. » }

O boi Laranjo andou. Quando o outro que vinha imediatamente atraz d'elle foi passar na pedra, ella cantou :

« Anda, meu boi Pintoro } *bis*  
Não te esqueças do andar, }  
Não faças como Flôr-de-Pinho } *bis*  
Que esqueceu a Guimar » }

E o boi andou. Quando foi passando o outro, muito devagar, ella cantou :

« Anda, meu boi do meio }  
Não te esqueças do andar, } *bis*  
Não faças como Flôr-de-Pinho }  
Que esqueceu a Guimar. » } *bis*

E assim foi cantando. Quando passou o ultimo, ella cantou com uma voz ainda mais triste :

« Anda, meu boi do coice }  
Não te esqueças do andar, } *bis*  
Não faças como Flôr-de-Pinho }  
Que esqueceu a Guimar. » } *bis*

Ora, o carreiro d'aquelle carro era Flôr-de-Pinho. Era elle quem, por muito cansado e trabalhado, lá vinha a dormir sobre os saccos e os capins.

Ao ouvir aquella voz, pensou que estava sonhando com a Guimar e gostando do sonho deixou-se estar de olhos fechados.

Quando a voz parou de cantar, Flôr-de-Pinho abriu os olhos e pareceu-lhe ver a Guimar muito pallida, muito triste, naquella pedreira enorme.

Elle desceu depressa e correu a pedir-lhe : « Perdão ! Perdão ! »

E disse que foi de tanta alegria que elle tinha abraçado a irmã sem querer.

Ella perdoou. Elle ajudou-a a subir no carro e então ella contou-lhe que de tanta tristeza é que ella tinha sido encantada naquella pedra.

Quando chegaram á cidade, elles foram á egreja, casaram-se, e o Diabo nunca mais se lembrou delles.

---





# OS FIGOS DA FIGUEIRA

HISTORIA



# OS FIGOS DA FIGUEIRA

## HISTORIA

---

Um homem era muito trabalhador, bom marido, dedicado aos seus, e muito feliz; mas enviuvou, ficando com uma filhinha.

Quanto mais tempo passava que a mulher lhe tinha morrido, mais s'entristecia... A casa, e tudo nella, e ao redor della, relembra-vam-lhe a querida morta...

Afinal, desejoso de fugir ás suas tristezas, vendeu a casa e mudou-se, com a menina e o seu pagem, para outro logar muito differente.

Arranjou outro emprego; trabalhava muito, e, no trabalho constante, achava uma distracção aos seus pezares.

Mas a menina, coitadinha, é que se sentia muito só.

O pae deixava-a todo o dia em casa, em companhia do pagem, seu antigo camarada e creado de confiança.

E esse preto, que fôra o seu companheiro de brinquedos na infancia, era agora tambem o contador de historias á sua querida filhinha. Mas o preto, afinal, tendo esgotado o seu repertorio de historias, não sabia como distrahir a pequena; levava-a com-sigo para o jardim, para o pomar, para a horta, para

o capinzal... por todo o logar em que ia trabalhar.

E enquanto trabalhava aparando a grama, plantando e especando as flôres, a menina, como uma borboleta, voava daqui para acolá... Corria, saltava, chegava ao portão, interessava-se pelos que passavam e, risonha, dizia adeuzinhos com a mão às vizinhas.

Ora, entre essas vizinhas havia uma, moça, bonita, que sempre a chamava : « Vem cá, Sinhazinha, vem cá ». Mas a menina não se animava a ir. Um dia, o jardineiro, vindo também ao portão, viu a vizinha chamar; a menina olhou para o jardineiro e perguntou : « Posso ir ? » — Elle, com pena, disse : « Póde ».

A menina foi ; chegou lá, complimentou a vizinha. A vizinha beijou-a, deu-lhe uns docinhos muito gostosos e pediu muito que ella apparecesse todos os dias para dizer-lhe adeus.

A' tardinha, quando o pae chegou, a menina contou-lhe a historia dos docinhos. Depois disse : « Papae, a vizinha pediu muito para eu ir lá todos os dias dizer-lhe adeus ; você deixa ? »

O pae respondeu que ia pensar.

A menina insistiu ; elle, afinal, deu a licença.

E, daquelle dia em diante, nunca mais a vizinha deixou de chegar á janella, nem a menina de ir lá dizer-lhe um adeuzinho.

E sempre que ia, voltava com um docinho, uma teteia, uma flôr... perfume no lenço, fosse o que fosse.

E sempre uma cousa nova. Um dia, a menina ouviu dizer, em casa da vizinha, que o pae vivia

triste assim porque não se casava ; que si elle casasse outra vez, havia de se tornar outro homem, muito mais alegre.

Quando o pae chegou do trabalho, a menina disse assim : « Papae, papae vive aqui tão triste ; tão sósinho !... Porque é que papae não casa com aquella moça nossa vizinha, que é tão boa para mim ? Ella tem muita pena de ver papae triste assim. »

O pae respondeu : « Não, minha filha, eu, por emquanto, não posso pensar nisso. »

Dalli a uns dias, a filha repetio a pergunta. E tantas vezes o fez que afinal o pae cedeu ; pediu a vizinha em casamento e casou.

Depois de casada, a moça mudou muito para a menina ; nem parecia a mesma. A' vista do marido, tratava bem a enteada ; mas, ausente elle, ou não lhe falava, ou si falava, era para zangas.

Aconteceu que o marido precisou de fazer uma viagem para tratar de uns negocios. Foi com o pagem e deixou a filha em casa com a mulher.

Ora, a mulher tinha um certo acanhamento de falar ao marido, que precisava de algum dinheirinho para os seus alfinetes. A elle, sempre preoccupado, e acostumado a considerar a mulher como a ministra das suas finanças, nem lhe lembrava fosse preciso declarar-lhe que, do dinheiro por elle ganho, ella podia gastar comsigo o que julgasse necessario.

De sorte que a mulher, a fim de remediar os embaraços em que se achava, para comprar as suas miudezas, pensou em se aproveitar da ausencia do marido para arranjar dinheiro, mandando vender as

hortaliças, as fructas e até as flôres da chacara.

Ora, as fructas bicadas pelos passarinhos, embora mais doces, não davam tão bom preço como as que iam perfeitinhas. Assim, ella resolveu a pôr a enteada vigiando as fructas do pomar.

E recommendou-lhe tivesse muito cuidado em todas as fructas. mas principalmente nos figos daquella figueira maior. E, mostrando a figueira, tornou a dizer, antes de subir para ir almoçar : « Muito cuidado nestes; não me deixe os passarinhos bical-os. »

Ora, o pomar não era pequeno; a figueira muito esgalhada, de modo que a menina não poude impedir que os passarinhos bicassem um ou outro dos figos. E talvez até alguns já estivessem bicados, quando a madraستا pôz lá a enteadazinha a vigial-os.

Mas, depois do seu almoço, veio ella com um cestinho em uma das mãos e disse á menina que fosse apanhando os figos e os arranjando, com muito cuidado no cestinho.

Indo, porém, a madraستا reparar nelles, vio que muitos dos figos estavam bicados. Ficou furiosa, fôra de si, como fica, quando tem raiva, toda a gente não bem educada, isto é, toda a gente que não aprendeu a dominar-se.

E, furiosa de raiva, fez o que fariam os loucos furiosos si alguém tivesse a infelicidade de contrariar-os, mesmo involuntariamente. E, empunhando o primeiro pau que encontrou á mão, pôz-se a dar na enteada. Tão desastradamente, porém, o fez que na segunda, ou terceira paulada a menina caio desacordada no chão. Morta! pensou ella, a madraستا, e

ficou muito assustada, e depois, atrapalhada... O marido devia voltar na tarde daquelle dia mesmo.. Como havia de ser?

Sentou-se, pensou, pensou... depois tomou da enxada, foi ao capinzal. Com algumas enxadadas bem fundas, tirou uma porção de pés de capim com terra e os foi pondo de um lado. Depois aprofundou um pouco o lugar capinado, fez uma cova, foi buscar a menina e enterrou.

Fornou a collocar por cima da cova os pés de capim com a sua terra ao redor, bem direitinhos.

Foi buscar um regador, encheu-o d'agua e regou bem os capins replantados e os que ao redor d'elle ficavam.

E foi apromptar a casa e preparar-se para esperar o marido.

Quando elle chegou — e foi na tarde d'aquelle mesmo dia — não vendo a filha, perguntou logo por ella.

A mulher respondeu que a menina tinha apanhado uma febre amarella fulminante e morrido em poucas horas. E contou uma porção de casos de mortes de pessoas conhecidas. Disse-lhe que o mais prudente era mudarem-se d'alli, ao menos por algum tempo, porque a epidemia estava pavorosa...

Eram de trinta a quarenta casos fataes todos os dias.

O marido, muito acabrunhado, sentou-se numa cadeira, e, apoiando os cotovellos em uma mesinha, amparou a cabeça com ambas as mãos : deixou-se alli ficar silencioso e mudo.

Emquanto isso se passava na saleta, o velho pagem entrava com os dous cavallos pelo portão;

antes de cuidar de si, ia cuidar d'elles, dos fatigados cavallos, como era o seu costume.

Levou-os pois para a estribaria. Alli, agasalhados, tirou-lhes os arreios ; pôz os coxinilhos, os selins. as mantas e os freios nos seus logares. Depois pensou comsigo : Antes do meu jantar, o jantar dos cavallos. Elles trabalharam mais que eu.

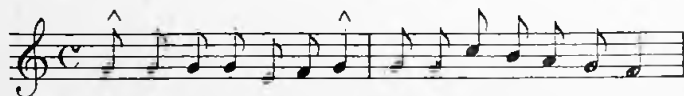
E, tomando o seu facão recurvado, foi ao capinzal cortar a ração de capim fresco a que os seus dous bons e velhos amigos estavam acostumados.

Mas fazia um calor de rachar. . Era o fim do mez de fevereiro... O capim estava quente, derreando, carregado de pó...

O pagem, descalço, andava de um lado para outro, em busca de um capim que fosse um regalo para os seus viajados amiguinhos.

Nesse andar pizou numa terra fôfa, revolvida de novo. Pareceu-lhe aquelle capim menos sêcco. Inclinou-se e pôz-se a cortal-o — xó... xó... xó.

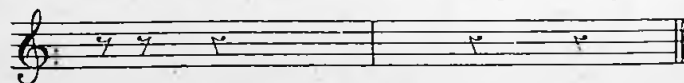
Ni-so ouviu uma voz cantar assim :



Ca - pi - nei-ro de meu pae Não me cor-te meus ca-bellos



Mi - nha ma-dras-ta men-terrou Pe-los fi-gos da fi-gueira



Chó! Chó! Passarinho... Vae-te ambora Pra teu ninho (Bis)



« Capineiro de meu pae,  
Não me córte meus cabellos,  
Minha madrastra m'enterrou  
Pelos figos da figueira.  
Chó! Chó! Passarinho,  
Vae-te embora p'ra teu ninho!  
Chó! Passarinho,  
Vae embora p'ra teu ninho! »

Ao pagem pareceu que aquella voz era a da menina. Mas olhou alli ao redor, procurou no poço, atraz dos muros... Nada, não achou ninguém.

Tornou a pegar no facão recurvado e a continuar a cortar o capim no mesmo lugar.

Apenas recommçou, tornou a ouvir cantar :

« Capineiro de meu pae  
Não me córte meus cabellos  
Minha madrastra m'enterrou,  
Pelos figos da figueira.  
Chó! Chó! Passarinho,  
Vae-te embora p'ra teu ninho!  
Chó! Passarinho,  
Vae embora p'ra teu ninho! »

O pagem segurou, depressa, em cada uma das mãos um punhado d'aquelle capim, e foi correndo contar ao seu amo que tinha ouvido a sinházinha cantar lá no capinçal. Pediu-lhe que viesse, que viesse depressa ouvir também.

O pae da menina a principio não queria acreditar no que ouvia; mas o capineiro — o pagem mesmo era jardineiro, hortelão, capineiro, copeiro, era tudo; mas, como ia dizendo, o jardineiro tanto insistiu que o

seu amo disse lá comsigo : « Este meu pagem com certeza ficou doido com a noticia da morte da menina. Pobre negro !... Mas si eu não o acompanho até o capinzal, elle não me deixa em paz. »

E com pena da loucura do seu pobre negro, levantou-se da cadeira e disse : « Pois bem, vamos, vamos até lá. »

O pagem, muito animado com a victoria que tinha alcançado (porque a principio o amo não queria de todo ir), saio adiante, quasi correndo; de passagem atirou os dous boccados de capim aos cavallos para que fossem « enganando a fome. » E, insensível ao canção da viagem e ao da carreira que dera, lá se foi voando quasi, até o logar em que tinha cortado os capins. E, de lá, disse : « E' aqui. »

Impaciente, de facão em punho, esperava que o amo se approximasse.

Este, receioso, caminhava lentamente. Separava-os ainda uma pequena distancia, quando o pagem inclinou-se e, segurando com uma das mãos nos capins, pôz-se, com a outra, a cortal-os : xó... xó... xó...

Logo a voz começou a cantar :

« Capineiro de meu pae,  
Não me córte meus cabellos,  
Minha madrastra m'enterrou  
Pelos figos do figueira...  
Chó! Chó! Passarinho,  
Vae-te embora p'ra teu ninho!  
Chó! Passarinho,  
Vae embora p'ra teu ninho.»

Quando a voz acabou de cantar, o pae disse :  
« Vae buscar duas enxadas. »

O preto saio correndo e voltou immediatamente, trazendo as duas enxadas.

O pae disse então : « Vamos cavar aqui, mas com todo o cuidado ! »

A cova não era funda ; num instante elles desenterraram a menina. Ella saio ainda viva de lá debaixo da terra ; mas com a cabeça machucada, com febre e a cantar, e a variar : — « Xó! Xó!... Passarinho ! »

O pae, muito assustado, mandou depressa, chamar o medico.

O medico veio. Pôz gelo em pannos na cabeça da menina, receitou e recommendou muito que não lhe falassem. « Não puxem por ella » — foi a sua ultima phrase ao retirar-se.

Mas logo que a menina abriu os olhos, o pae delirante de alegria perguntou-lhe : « Como foi isso, minha filha ? Como foi ? Conte ao seu papae, conte. »

A menina olhava ao redor de si e não respondia. Parecia não comprehender.

O pae esperou ; quando, d'alli a pouco, a sós com ella, viu-a abrir de novo os olhos, disse : « Conte, minha filha, conte ao seu papae como foi isso. »

A menina, tomando entre as suas a mão que a acariciava, disse : « Ella ficou furiosa ; deu com um pau aqui... Os passarinhos bicaram os figos... eu não vi... »

Disse e começou a variar... « Xo!... xó... passarinho!... »

O pae, vendo a filha a variar, lembrou-se, arrependido e afflicto, da sua desobediencia ao medico.

Mas os seus sentimentos tinham falado mais alto. A dôr vencera-o.

Tomou as mãosinhas á filha, beijou-as, e, emquanto as beijava, ouviu-a que dizia : « E depois... e depois... tudo ficou escuro... Eu não vi... Eu não vi mais nada ! »

O pae então comprehendeu tudo. Logo que o medico entrou no quarto da filha, elle saio.

Mandou ao pagem que fosse buscar uns cavallos bravos.

Disse á mulher que nunca mais queria vel-a.

Depois, ordenou que amarrassem aquella a quem a raiva enfurecera e cegára, num dos taes cavallos e que o tocassem a toda a disparada, até uma floresta bem longe da cidade.

Quando a filha se restabeleceo de todo, — e levou muito tempo, — o pae mandou-a para um bom collegio, muito bem situado.

Era a sua constante preocupação educar a sua filhinha, exercital-a no dominio de si mesma, habilital-a a ganhar a vida por qualquer meio honesto, porém menos lento que vigiar os figos da figueira...

Mudou-se, pois, com o seu fiel companheiro de infancia, para perto do collegio.

Lá nessa outra cidade, de clima ameno, arranjou, ainda uma vez, um novo emprego e continuou a trabalhar, a trabalhar sempre...

HISTORIA DE D. JORGE



## HISTORIA DE D. JORGE

---

Um moço tratou o casamento com uma moça.

Depois mudou de logar e tratou o casamento com outra.

Um dia elle veio a cavallo muito bem vestido, num cavallo muito bonito. O selim era de ouro; os freios tambem eram de ouro.

A noiva d'elle — aquella que era noiva primeiro — estava na janella do sobrado.

Quando ella conheceu que era elle que vinha, desceu e veio esperal-o, á porta.

Elle ainda não tinha acabado de apear-se do cavallo, quando ella cantou assim :



« Notícia corre D. Jorge  
Que você'stá p'ra casar. »

• D. Jorge respondeu :

— E' verdade Juliana  
Eu vim te desenganar —

Então ella cantou assim :

« Espera 'hi, meu D. Jorge;  
Deixae-me ir lá no sobrado  
Buscar um calix de vinho  
Que p'ra vós tenho guardado. »

E elle :

— Eu vos peço, Juliana,  
Que não haja falsidade !

Ella foi e trouxe o calix de vinho p'ra elle beber.  
Dentro do vinho tinha veneno. Elle bebeu ; ficou meio  
tonto ; pensou que ia morrer e cantou assim :



— Quando minha mãe pensava  
Que tinha o seu filhosoinho...

Ella :

« A minha também pensava  
Que vós casaveis commigo. »

Elle :

Antes de eu dar alma a Deus  
De ir para o frio chão,  
Quero que me dê lembranças  
Ao meu cunhado João.  
Antes de eu dar a alma a Deus,  
De ir para a terra fria,  
Quero que me dê lembranças  
A' minha amante (1) Maria.

Quando elle cantou esses versos, ahi, elle morreu.

Alguem perguntou á mineirinha de onze para doze annos que cantou esses versos e contou essa historia : « Maria era a outra noiva? »

— Eu acho que era, respondeu ella.

« E João? Naturalmente era o irmão de Maria, não? »

— Eu acho, — disse.

---

(1) « Amante » — pessoa que ama.

Dizem-me que, nessa accepção boa, pura e verdadeira, é, em Portugal, essa palavra empregada.

(2) Juliana canta sempre pela musica dos tres primeiros compassos e D. Jorge pela dos tres ultimos.

## XÁCARA DE DOM JORGE

(*Outra versão*)

*A mãe :*

— De que choras, minha filha ?

*Maria Juliana :*

« E' Dom Jorge, minha mãe,  
Que com outra vai casar. »

*A mãe :*

— Bem te disse, Juliana,  
Que em homens não te fiasses.  
Que não era dos primeiros  
Que às mulheres enganasse.

*D. Jorge (chegando) :*

— Deus te salve, Juliana,  
No teu sobrado assentada !

*Maria Juliana :*

« Deus te salve, rei Dom Jorge,  
No teu cavallo montado.  
Ouvi dizer, rei Dom Jorge,  
Que estavas p'ra casar ?

*D. Jorge :*

— E' verdade, Juliana,  
Eu te vim desenganar.

*A mãe :*

« Rei Dom Jorge vae casar !  
E' verdade !... Quem diria ? !

*Maria Juliana :*

Poderá enviuar  
E voltar aqui um dia.

*D. Jorge :*

— Eu ainda que enviue  
E torne a enviuar,  
Acho mais facil morrer  
Do que contigo casar.

*A mãe (vendo D. Jorge partir) :*

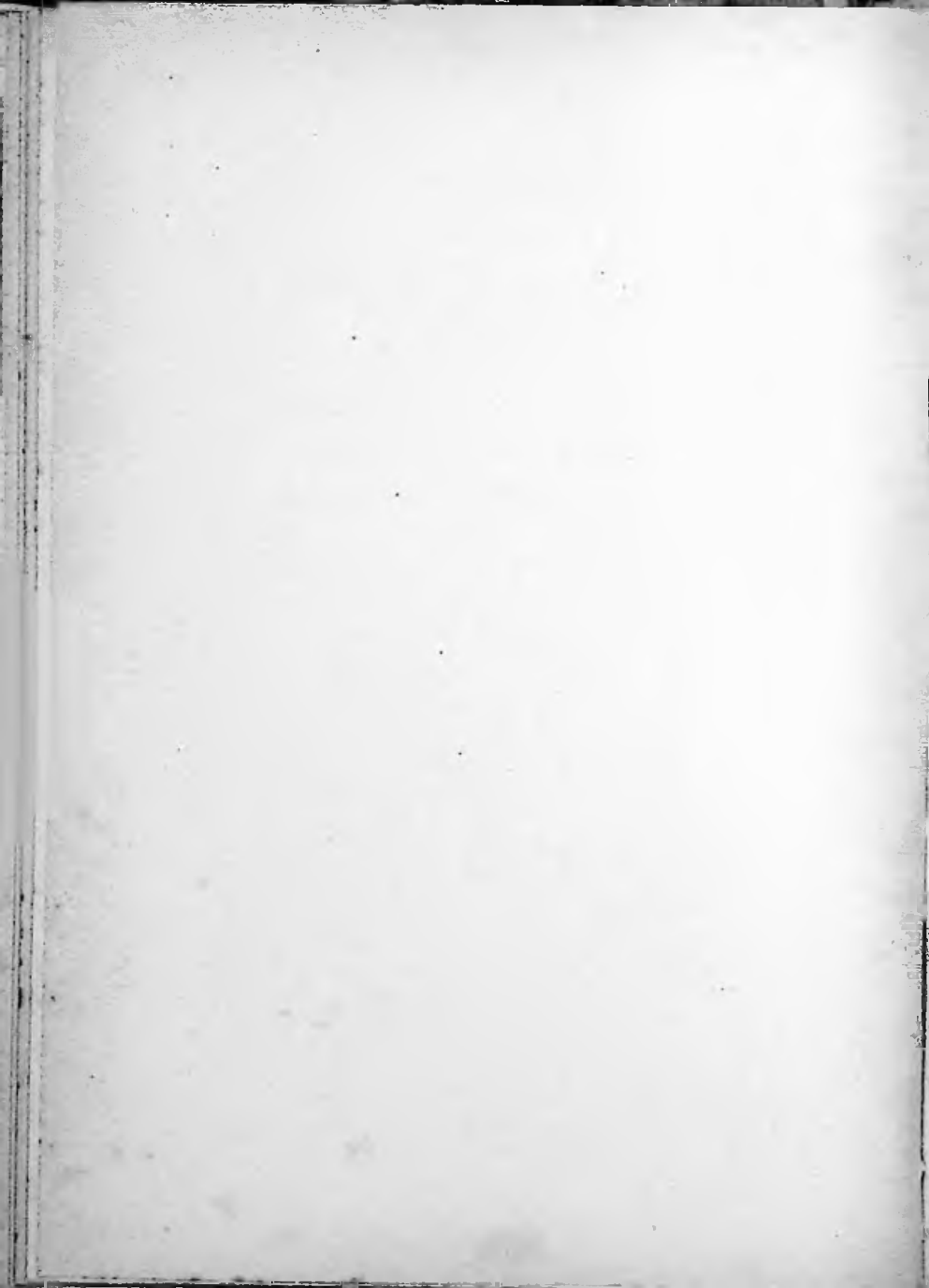
Acabou-se. Elle foi-se...  
Acabou-se... quem diria ?  
Quem ha de casar agora  
Co'a minha filha Maria ?

*Maria Juliana :*

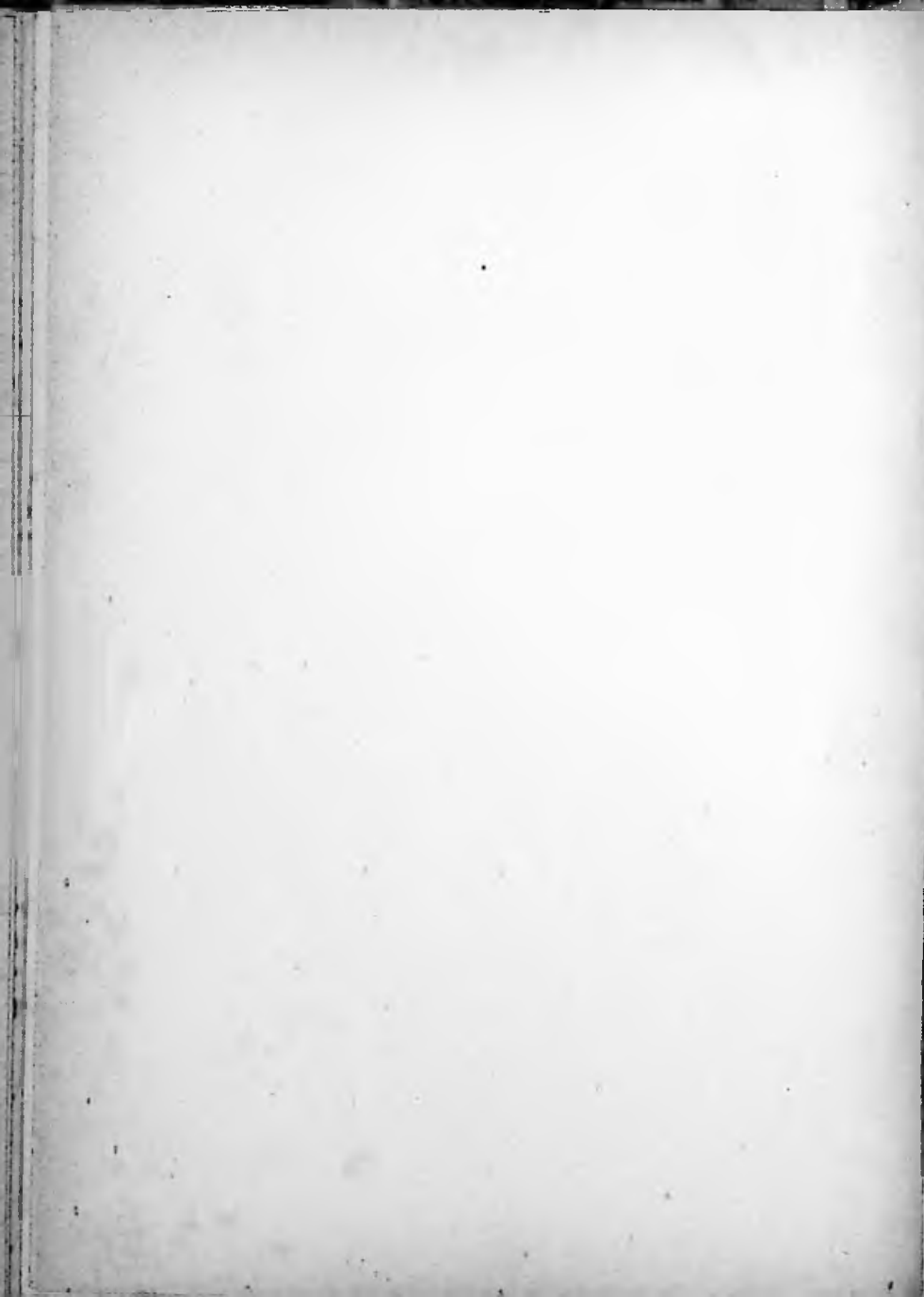
Acabou-se... Acabou-se...  
Acabou-se... Ora é o fim...  
Nossa Senhora da Guia  
Queira se lembrar de mim.

*(Cae desfallecida).*

---



HISTORIA DA PRINCEZA



## HISTORIA DA PRINCEZA

---

Uma moça casada de pouco era muito feliz com o marido e vivia muito contente na sua casinha.

Quando ella teve o primeiro filhinho, o marido arranjou um emprego melhor na côrte e foi morar perto do palacio do rei.

No dia em que o filhinho fez dous mezes, estava muito bonitinho; mas a alegria dos paes, que era bella de se ver, como é bello um céu todo azul, transparente e sem nuvens — naquelle dia turvou-se. E o pobrezinho quasi ficou orphão.

O caso foi assim :

O rei tinha sete filhas.

Elle já tinha casado seis — a primeira, a segunda, a terceira, a quarta, a quinta e a sexta; mas quando elle casou a que fazia seis, — a mais moça que fazia sete, disse :

« Ah ! meu Pae ! O Sr. já casou todas as suas filhas e só a mim não me casou ainda. »

O pae respondeu :

« E' porque você ainda não teve amor a ninguém, minha filha. »

Passaram uns dias e a filha veio dizer ao pae :

« Olha, papae, o Sr. disse que não me casava porque eu não tinha amor ; agora eu já tenho. »

O pae perguntou : « Quem é ? »

Ella respondeu : « E' o marido d'aquella moça que mora alli naquella casa. »

E mostrou a casa em que vivia a feliz casal.

Então o rei mandou avisar a joven esposa e mãe que no dia seguinte ella tinha de morrer para a princeza mais moça casar com o marido della.

E mandou outro portador avisar o marido também.

A' tarde, quando foi hora do jantar, o marido, que sempre chegava do trabalho muito alegre, entrou tristonho e abatido. E achou a mulher também muito triste.

E os dous sentaram-se á mesa para jantar... mas nem um, nem outro comia... Calados, choravam que as lagrimas escorriam. E chorando levantaram-se da mesa ; não puderam jantar.

Quando veio a noute, foram dormir... mas soluçavam um e outro... e dormir não podiam.

O filhinho acordou e começou também a chorar. A mãe sentou-se ; pôz o filhinho ao collo para amamentá-lo e cantou assim :





« Mama, mama, meu filhinho,  
Este leite da paixão  
Que amanhã por estas horas  
Tua mãe 'stá no caixão. »

Quando a criança estava mamando, a mãe ouviu  
o bater o sino na torre e disse assim :

« Lá na torre bate o sino  
Oh ! meu Deus, quem morreria...  
Morreu uma pobre alma  
P'ra ser minha companhia. »

O filhinho, que estava mamando, e elle tinha só  
dous mezes, respondeu, cantando assim :

« Quem morreu foi D. Maria... »

Quando o filhinho disse isso, a mãe ficou com o  
coração pulando de alegria e cantou assim :

« Oh ! que morte bem mandada  
Coisa que ella merecia,  
Descasar dous bem casados  
Coisa que Deus não faria (1). »

E os sinos dobraram e dobraram até a hora do enterro da princeza.

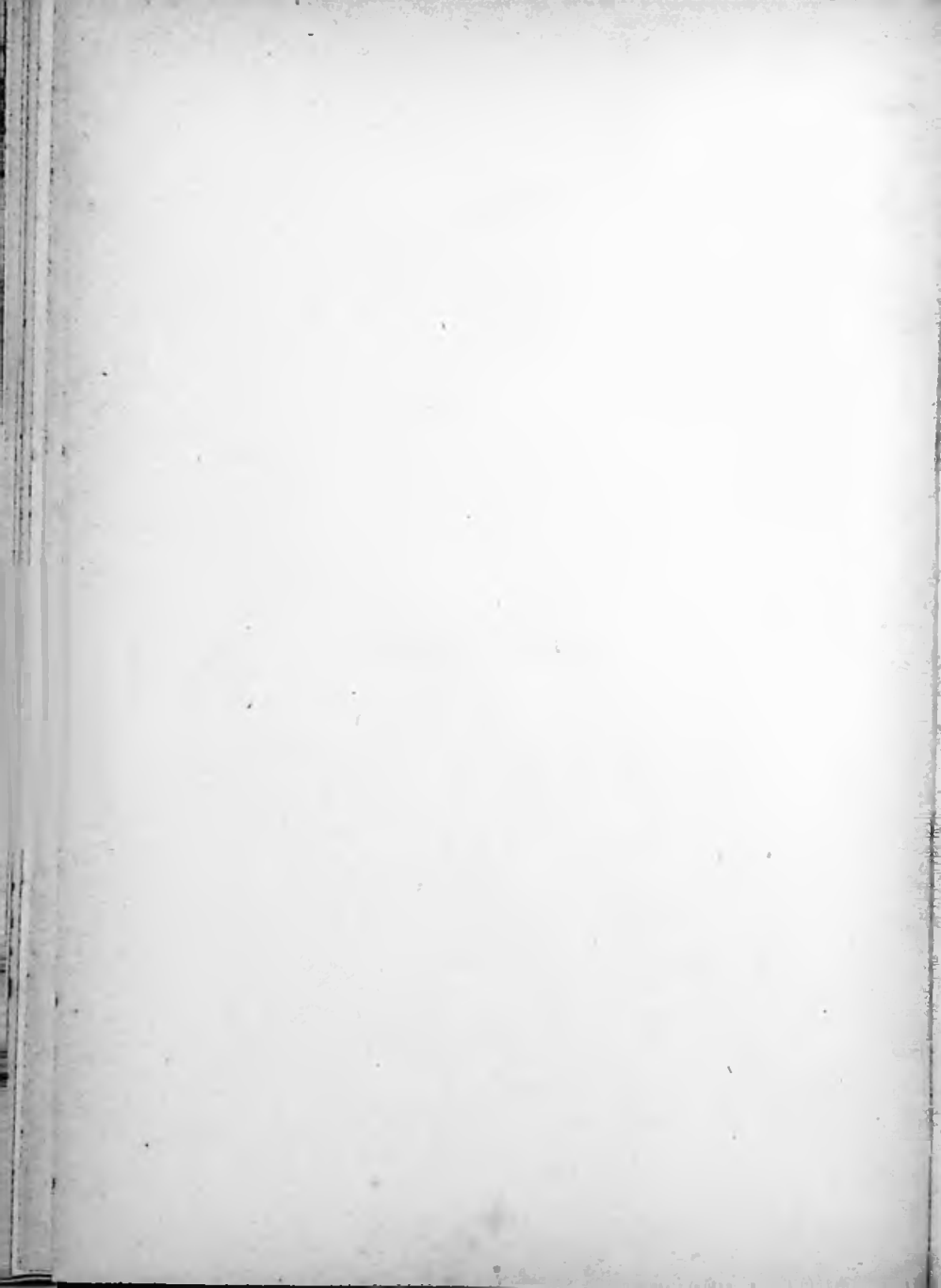
E dalli em diante a mãe continuou a viver soccgada, muito alegre em companhia do marido e do filhinho.

E longe, bem longe da côrte.

---

(1) Todos os versos com a mesma musica dos primeiros.

O CONDE YANNO



## O CONDE YANNO

---

Chorava a infanta, chorava,  
Chorava e razão havia,  
Vivendo tam descontente;  
Seu pae por casar a tinha.  
Acordou el — rei da cama  
Com o pranto que fazia :  
— Que tens tu, querida infanta,  
Que tens tu, ó filha minha ?  
— Senhor pae, o que hei-de eu ter  
Senão que me pésa a vida ?  
De tres irmans que nós eramos,  
Solteira eu só ficaria !  
— Que queres tu que te eu faça ?  
Mas a culpa não é minha.  
Cá vieram embaixadas  
De Guitaina e Normandia  
Nem ouvi-las não quizeste,  
Nem fazer-lhes cortezia...

Na minha côrte não vejo  
Marido que te daria...  
Só se fosse o conde Yanno  
E esse já mulher havia.  
— Ai ! rico pae da minha alma,  
Pois esse é que eu queria.  
Se elle tem mulher e filhos,  
A mim muito mais devia,  
Que me não soube guardar  
A fé que me promettia.

Manda el — rei chamar o conde,  
Sem saber o que faria :  
Que lhe viesse falar...  
Sem saber que lhe diria.  
— Inda agora vim do paço,  
Já el — rei lá me queria !  
Ai ! será para meu bem ?  
Ai ! para meu mal seria ?

Conde Yanno que chegava,  
El — rei que a buscar o vinha :  
— Beijo a mão a vossa alteza ;  
Que quer vossa senhoria ?  
Responde-lhe agora o rei  
Com grande merencoria :  
— Beijae, que mercê vos faço ;  
Casareis com minha filha,  
Cuidou de cahir por morto  
O conde que tal ouvia :  
— Senhor rei, que sou casado  
Já passa mais de anno e dia !  
— Matareis vossa mulher,  
Casareis com minha filha.

— Senhor, como hei-de matar-a  
Se a morte me não mer'cia ?

— Calae-vos, conde, calae-vos.

Não vos quero demazia ;  
Filhas de reis não se enganam  
Como uma mulher captiva !

— Senhor, que é muita razão,  
Mais razão que ser devia,  
Para me matar a mim  
Que tanto vos offendia ;  
Mas matar uma innocent  
Com tamanha aleivozia !  
Nesta vida nem na outra  
Deus m'o não perdoaria !

— A condessa ha-de morrer  
Pelo mal que cá fazia.  
Quero ver sua cabeça  
Nessa doirada bacia.

Foi-se embora o conde Yanno,  
Muito triste que elle ia,  
Adeante um pagem d'el — rei  
Levava a negra bacia.

O pagem ia de luto,  
De luto o conde vestia :  
Mais dó levava no peito  
C'os apertos da agonia.

A condessa, que o esperava,  
De muito longe que o via,  
Com o filhinho nos braços  
Para abraçal-o corria.

— Bem vindo sejais, meu conde,  
Bem vinda, minha alegria !  
Elle sem dizer palavra

Pelas escadas subia.  
Mandou fechar seu palacio,  
Coisa que nunca fazia  
Mandou logo pôr a ceia  
Como quem lhe appetecia.  
Sentaram-se ambos á mesa.  
Nem um nem outro comia ;  
As lagrimas eram um rio  
Que pela mesa corria.  
Foi a beijar o filhinho  
Que a mãe aos peitos trazia,  
Largou o seio o innocente,  
Como um anjo lhe sorria.

Quando tal viu a condessa,  
O coração lhe partia ;  
Desata em tamanho choro  
Que em toda a casa se ouvia :  
— Que tens tu, querido conde,  
Que tens tu, ó vida minha ?  
Tira-me já d'estas ancias,  
El — rei o que te queria ?  
Elle afogava em soluços,  
Responder-lhe não podia ;  
Ella, apertando-o nos braços,  
Com muito amor lhe dizia :  
— Abre-me o teu coração,  
Desafoga essa agonia.  
Dá-me da tua tristeza,  
Dar-te-hei da minha alegria :  
Levantou-se o conde Yanno,  
A condessa que o seguia.  
Deitaram-se ambos no leito ;  
Nem um nem outro dormia.



Ouvireis a desgraçada,  
Ouvide ora o que dizia :  
— Peço-te por Deus do céu,  
E pela Virgem Maria,  
Antes me mates, meu conde,  
Que eu ver-te nessa agonia.  
— Morto seja quem tal manda,  
Mais a sua tyrannia!  
— Ai! não te entendo, meu conde,  
Dizci-me por tua vida,  
Que negra ventura é esta,  
Que entre nós está mettida?  
— Ventura da sem ventura.  
Grande foi tua mofina!  
Manda-me el — rei que te mate  
Que case com sua filha!

Palavras não eram ditas,  
Inda mal lh'as ouviria,  
A desgraçada condessa  
Por morta no chão cahia.  
Não quiz Deus que alli morresse...  
Triste que alli não morria.  
Maior dôr do que a da morte  
A torna a chamar á vida.  
— Cala, cala, conde Yanno,  
Que inda remedio haveria;  
Ai! não me mates, meu conde,  
E um alvitre te daria :  
A meu pae me mandarás,  
Pae que tanto me queria!  
Ter-me-ão por filha donzella  
E eu a fé te guardaria  
Criarei este innocente

Que a outra não criaria;  
Manter-te-ei castidade  
Como sempre t'a mantia.  
— Ai como pôde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se el — rei quer tua cabeça  
Nesta doirada bacia?

— Cala, cala, conde Yanno,  
Que ainda remedio teria,  
Metter-me-ás num convento  
Da ordem da freiraria;  
Dar-me-ão o pão por onça  
E a agua por medida:  
Eu lá morrerei de pena,  
E a infanta o não saberia.

— Ai! como pôde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se quer ver tua cabeça  
Nesta maldita bacia?

— Feclar-me-ás numa torre,  
Nem o sol, nem a lua veria,  
As horas de minha vida  
Por meus ais as contaria:

— Ai! como pôde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se el — rei quer tua cabeça  
Nesta doirada bacia?

Palavras não eram ditas,  
El — rei que á porta batia:  
— Se a condessa não é morta,  
Que então elle a mataria!  
— A condessa não é morta  
Mas está em agonía.

— Deixa-me dizer, meu conde,  
Uma oração que eu sabia !

— Dizei depressa, condessa,  
Antes que amanheça o dia !

— Ai ! quem pudéra rezar  
O' virgem sancta Maria !  
Que eu não me peza da morte,  
Peza-me da aleivozia :  
Mais me peza de ti, conde,  
E da tua covardia.

Matas-me por tuas mãos,  
Só porque el — rei o queria !  
Ai ! Deus te perdôe, conde,  
Lá na hora da contia  
Deixar-me dizer adeus

A tudo o que eu mas queria ;  
As flôres d'este jardim,  
As aguas da fonte fria.

Adeus, cravos, adeus, rosas,  
Adeus, flor da Alexandria !  
Guardae-me vós meus amores  
Que outrem me não guardaria.

Dê-m-me cá esse menino,  
Entranhas de minha vida ;  
Deste sangue de meu peito  
Mamarás por despedida.

Mama, meu filhinho, mama  
D'esse leite da agonia ;  
Que até agora tinhas mãe,  
Mãe que tanto te queria,  
Amanhan terás madrastra  
De mais alta senhoria...  
Tocam n'os sinos na sé...  
Ai Jesus ! quem morreria ?

Responde o filhinho ao peito  
Respondeu — que maravilha !  
— Morreu, foi a nossa infanta  
Pelos males que fazia ;  
Descasar os bem casados :  
Coisa que Deus não queria.

*(Colligida por A. Garret em Portugal)*

---

D. DUARTE E DONZILHA



## D. DUARTE E DONZILHA

---

Foi preciso muito trabalho para que os fortes reconhecessem e respeitassem um pouco os direitos dos menos favorecidos da natureza ou da fortuna.

No tempo em que os homens ainda não tinham estudado para escrever os livros das leis, os reis todos eram despoticos.

Uma princeza d'aquelles tristes tempos, graças aos esforços dos nossos maiores, já para nós passados, mandou chamar um dos ministros do rei seu pae.

O ministro veio immediatamente e disse :

« Que me quereis, ó Princeza ?  
Que novas quereis me dar ?

Ella

Sabei, Senhor, que já quero  
Com D. Duarte casar.

O ministro chamou o seu official de gabinete, ordenou-lhe que fosse pessoalmente à casa de D. Duarte intimal-o a comparecer no palacio, e que, de volta, dêsse conta à Princeza — a Ella directamente — das diligencias feitas.

O official foi; voltou offegante e disse :

« Deus vos salve, ó Princeza,  
Princeza de Portugal !  
D. Duarte lá não está  
Anda n'alçada real. »

A Princeza, voltando — se para o ministro, disse :

— Mandae erguer a bandeira  
Para lhe dar o signal.

Palavras não eram dictas  
E D. Duarte a chegar.

Que me quereis, ó Princeza ?  
Que ordens quereis me dar ?  
— Com o seu amor D. Duarte  
Quero, princeza, contar.

« No tempo que eu vos queria  
Juravam de me matar,  
Hoje sou homem casado  
Tenho filhos a criar.

Ouvindo isso, a princeza ficou como uma furia ;  
mas disse apenas : D. Duarte, Elrei, meu Pae,  
deseja falar-lhe.



Emquanto D. Duarte conferenciava com el-rei na sala do throno, ella mandou chamar os carrascos, ordenou-lhes que fossem matar a senhora Donzilha, mulher de D. Duarte, e que morta alli a trouxessem no mesmo instante.

Ora, matar é o officio dos carrascos. Desobedecer às ordens dos reis despoticos ou dos seus filhos ninguém podia.

Assim pois, embora Donzilha fosse tão boa que os proprios carrascos não pudessem ao principio bem acreditar na ordem que os seus ouvidos ouviam e os seus olhos viam ser-lhes dada, fizeram o que era forçoso fazer : — mataram a Donzilha, e, morta a trouxeram á Princeza.

A princeza mandou chamar D. Duarte e, apresentando-lhe o cadaver, disse : « Eil-a. »

D. Duarte abaixou a cabeça e, com voz magoada, disse :

Dae-me licença, Senhora,  
Dae-me licença real,  
P'ra dar um beijo em Donzilha  
Ella é morta... não ha mal !

A princeza respondeu :

Dae-lhe quatro, dae-lhe cinco,  
Dae-lhe quantos vós quizerdés.  
Morta está, prazer não sente,  
Não contarei os que derdes.

. . .

Foi a cova de Donzilha  
Lá na porta principal;  
A cova de D. Duarte  
Foi ao lado do altar

Eis na terra della nasce  
Lindo pé de sicupira,  
Eis na terra delle nasce  
Outra flôr que sobe em 'spira...

Foram crescendo, crescendo,  
Buscando se approximar,  
Lá em cima nos galhinhos  
Foram ambos se abraçar !

A viuva que isto vio,  
Logo mandou decotar;  
Mas, em vez de brotar leite,  
Brotaram sangue real.

As' creanças que não souberem quem era essa viuva de que fala a ultima quadra, diremos que no mesmo dia do enterro da Senhora Donzilha, a Princeza mandou chamar o padre para casal-a com D. Duarte. Como naquelle tempo todo o mundo tinha de se curvar á vontade dos reis, o padre vio-se obrigado a casar a Princeza com D. Duarte e casou-os.

Mas D. Duarte foi desfinhando, desfinhando, e, em poucos dias, morreu.

Como Donzilha tinha sido enterrada no adro da igreja, perto da porta principal, a Princeza mandou

que enterrassem D. Duarte bem longe d'ella ; tambem por fóra da egreja, mas lá para os lados do altar-mór.

Mesmo longe assim, as flôres, que sem ninguem soubesse como, nasceram nas covas razas de ambos, foram crescendo, crescendo, até que um dia lograram se abraçar lá nos galhinhos.

Foi então que a princeza mandou decotal-as e que aconteceu o que contam os dous ultimos versinhos da ultima quadra acima.

Quaes são elles ?

---



CLARANINHA



## CLARANINHA

---

Antigamente os reis ajustavam os casamentos dos filhos ainda creanças, e muitos dos nobres os imitavam.

Todos elles, reis e nobres, prohibiam os meninos de brincarem com as meninas; tinham medo que os pequenos brigassem com as noivas ou que se lembrassem de ajustar casamento com alguma que não fosse a por elles escolhida. E *vice-versa*.

Assim viviam de um lado as meninas, e de outro os meninos; sempre separados; tal qual como ainda hoje no interior do Brazil os moços e as moças.

Ora, não longe do palacio de um rei muito

poderoso, — e todos os reis antigos o eram, — morava um conde.

O conde tinha um filho e o rei uma filha quasi da mesma idade. A princeza tinha oito annos e o condesinho nove.

Elle se chamava D. Carlos e ella Claraninha: outros dizem Claralinda.

Aos domingos as duas creanças iam com os seus assistir á missa na capella do palacio. Viam-se e ficavam com muita vontade de conversar uma com a outra.

Mas como? Si só no templo se viam; si viviam vigiados; si não se permittia á princezinha, já não digo brincar, mas trocar uma palavra com quem quer que fosse?

Só com os grandes podia falar a pobre boneca dos ricos vestidos.

Um dia em que estavam todos preparando uma grande festa no palacio, Claraninha, pilhando-se menos vigiada, correu, correu, e brincando sózinha pela quinta dentro, foi, sem quasi dar por isso, parar muito longe de casa.

Ora, a quinta do rei dividia com a do conde; e o pequeno D. Carlos estava tambem aproveitando a preocupação da « gente grande » para dar liberdade á sua immensa vontade de trepar ás arvores, de ver os ninhos, de saltar, de correr atraz das borboletas, atraz do manso cachorrão da quinta... de ser creança emfim...

E, correndo um de um lado e outro do outro, encontraram-se na matia das caçadas da côrte. E elles,



que tinham tanta vontade de conversar um com o outro, ficaram como bobos, sem saber que se haviam de dizer...

Pudera não! Si não brincavam juntos, si os não ligavam ou interessavam os mesmos trabalhos ou os mesmos assumptos!

Afinal a princezinha, rompendo o silencio, disse :

« Linda cara tem o conde  
Para commigo brincar.

E elle :

— Mais linda tendes, Senhora,  
Para commigo casar. —

Veio um caçador e disse :

« A El-Rei irei contar,  
Que apanhei a Claralinda  
Com D. Carlos a brincar. »

Ella voltou-se muito espantada para o lado donde partia aquella voz; vendo, porém, o caçador, dominou-se e disse-lhe, mui gentilmente, acenando com a mãozinha :

Vem cá, meu caçador,  
Caçadorzinho real! —

Elle se approximou das duas creanças; a princezinha disse-lhe então :

« Dar-te-ei villas de França  
Que não possas governar ;  
E tambem uma priminha  
Para contigo casar.  
Cala bocca, nada digas ;  
A meu pae não vás contar. »

E, como princeza, todas essas cousas podia ella ;  
mas o caçador respondeu :

— Não quero villas de França  
Nem tampouco sua prima ;  
Nem com ella hei de casar ;  
A El-Rey irei contar,  
Princezinha, seus brinquedos ;  
Mais tem elle que me dar.

Dizendo isso, esporeou o cavallo ; volteou, a través da matta, as duas quintas e veio entrar no palacio pela porta principal.

E, entrando, pediu para falar, sem demora, á Sua Magestade.

O rei estava sentado no throno, rodeado de uma porção de pessoas, dando audiencia, quando vieram lhe dizer que um viandante desejava falar-lhe sem perda de tempo.

Elle disse : « Que entre. »

Os guardas introduziram o apressado caçador no salão repleto ; elle, curvando-se até o chão ante o rei, disse em alto e bom som :

« Novas vos trago, Senhor ;  
Novas vos quero eu dar ;  
Eu topei a Claralinda  
Com D. Carlos a brincar. »

Todos s'espantaram de taes palavras.  
O rei, mudando de côr, observou-lhe duramente :

— Si me dissesses occulto,  
Posto te havia de dar ;  
Como disseste em publico,  
Outra sina has de esperar.

E voltando-se para os guardas do paço ordenou-lhes :

— Ide, guardas, já prender,  
D. Carlos de Montealbar !  
Carregae-o bem de ferros  
Que mal possa elle andar,  
Dizei ao seu tio bispo  
Que o venha confessar.

Dito isso, desceu os degrãos do throno e mandou reunir todos os conselheiros para deliberarem sobre o caso.

Quando vieram lhe dizer que estavam todos á sua espera, o rei dirigio-se ao salão do conselho ; em chegando elle, todos se levantaram e fizeram-lhe, curvando-se, uma respeitosa reverencia.

O rei correspondeu ao cumprimento e depois disse :

« Conselheiros, conselheiros,  
Que conselho heis a me dar,  
Que eu mate o Sr. D. Carlos  
Ou que os mande já casar ?

O conselheiro, incumbido de responder em nome de todos alli reunidos, respondeu :

— O conselho que vos damos  
E' para os mandar casar.  
E pegar nesse arengueiro,  
E mandar a degolar.

O rei assim ordenou.

E quando a princeza vinha vindo do confessorio e ia, toda contente, acompanhada de uma aia, pôr-se depressa nas suas vestes de noiva, encontrou o caçador que tambem ia se confessar para morrer, e perguntou-lhe :

« Arengueiro, embusteiro,  
Que ganhaste em vir contar? »

Elle respondeu :

Ganhei a forca, Senhora,  
Della vinde me livrar.

E ella :

« Si eu quizera bem pudera  
Pois em minhas mãos está ;  
Para te servir de emenda  
Mandarei te degolar. »

Naquelle tempo se pensava que a força era um bom meio de correcção.

Essa princezinha que a nós hoje nos parece má e inconsciente da sua maldade, foi, com certeza, então louvada, pelos grandes da côrte, por manifestar tanta energia e em taes termos.

Mudam-se os tempos, mudam-se os homens.

Mas, depois do casamento cada um foi para a casa de seu pae aprender o que então as damas nobres e os cavalheiros aprendiam; e era muito pouco.

A musica com que nos Estados de Minas e do Rio são cantados os versos deste romancezinho, é a seguinte :

Belizandra

Can-don-guei-ro, can-don-guei-ro a meu pae não vás con-tar

Te da-rei o meu ca-val-lo e o re-don-do pei-to-ral

O Candongueiro

Eu não que-ro o seu ca-val-lo Nem o re-don-do pei-to-ral

A meu rei eu vou con-tar Mais do que is-so el-le me dá

Além dos versos acima, só me foi dado colligir mais estes :

« Candongueiro, candongueiro,  
A meu pae não vás contar,  
Te darei um annel de ouro  
P'ra com elle te prender.

— Eu não quero seu annel  
Nem tampouco me prender,  
A meu rei eu vou contar;  
Mais do que isso elle me dá.

« Candongueiro, candongueiro,  
A meu pae não vás contar :  
Te darei minha sobrinha  
P'ra com ella te casares.

— Eu não quero sua sobrinha  
Nem tampouco me casar;  
A meu rei eu vou contar :  
Mais do que isso elle me dá.

---

FLORES-BELLA





## FLORES-BELLA

---

Flores-Bella nasceu naquelles tempos em que os homens, as mulheres, e até as creanças, de um povo vencido nas guerras, se tornavam escravos dos povos seus vencedores.

Guerras eram umas brigas de uma porção de homens grandes armados, de um povo, com outra porção de homens grandes, armados ou não, de outro povo.

Venciam os que matassem mais gente.

Mas isso de homens grandes brigarem não vos parece uma vergonha, meus meninos?

Pois ainda hoje — e m'entristece ter de dizer-vos isso... — pois ainda hoje acontece, ás vezes, que uma porção de homens grandes de um povo se preparam muito bem, s'enfeitam de botões e de

galões dourados e vão bem armados, bem municiados, se bater com outros homens de outra nação para lhes tomar as suas terras, o seu governo, as suas minas de ouro..., etc., etc.

Mas antigamente os vencedores eram ainda mais deshumanos. Além de tomarem todas as cousas, que pertenciam à nação dos vencidos, assenhoreavam-se também das suas pessoas, das de suas mulheres e das dos seus filhos... O vencido, a princípio, era comido ou sacrificado; depois passou a ser vendido, ou conservado, ou considerado como escravo.

Suar no trabalho e nos castigos noite e dia tal era a vida do escravo.

Felizes daquelles raros e poucos que conseguiam as sympathias dos seus senhores! E quão cheia de espinhos era ainda assim essa felicidade rara, podeis fazer uma idéa pela historia das duas irmãs — Lixandria e Flores-Bella. No Ceará contam-n'a com o nome de

## XACARA DE FLORES-BELLA

Um dia a rainha dos turcos disse a um dos guardas do seu palacio :

— Mouro, si fôrdes ás guerras,  
Trazei-me uma captiva,  
Que não seja das mais nobres  
Nem também da vilania;  
Que seja das mais antigas  
Das que em Castella assistia.

Lá das terras dos christãos  
Saio o conde de Flores  
A fazer sua romaria;  
A condessa como nobre  
Foi em sua companhia.  
Matam o conde de Flores,  
Captivaram Lixandria  
E trouxeram de presente  
A rainha da Turquia.

A rainha, para que a escrava não a suppuzesse culpada da sua desgraça, fingio que não sabia de onde viera ella e disse-lhe, chamando-a :

Vem cá, vem cá, minha moura.

L.

« Aqui está vossa captiva.

R.

— Já vou t'entregar as chaves,  
As chaves, e a cozinha.

L.

« Entregae, entregae, Senhora,  
Que a desgraça foi só minha !...  
Ainda hontem ser senhora  
E hoje escrava da cozinha !

A Rainha entregou-lhe as chaves e consoulou-a, dizendo-lhe que cumprisse o seu dever e teria, nella, não uma senhora, mas uma amiga.

E justiça lhe seja, procurava por todos os meios alliviar o captiveiro de Lixandria e distrahir-a das saudades dos seus.

Mas qual! a pobre captiva vivia chorando...

Ao cabo de cinco mezes, tiveram filhos num dia :

— A rainha teve um filho,  
A captiva uma filhinha,  
Logo que bem se achou  
A Senhora Dona Moura  
Foi a casa percorrer.

Em chegando á cozinha,  
A' captiva perguntou :  
— Como estás, escrava minha ?

L.

« Como hei de estar, Senhora,  
Sempre, sempre, na cozinha ?  
Nisso a rainha dos mouros  
Foi olhando p'ra creança  
E mui linda foi achando...  
— Si em tua terra estivesses  
Que nome lhe botarias ?

L.

« Eu poria Flores-Bella  
Como uma mana que eu tinha,  
Que os mouros carregaram  
Sendo ella pequenina. »

R.

— E si tu a visses hoje  
Poderias conhecê-la?

L.

« Por um signal que ella tinha  
Si eu a visse a conhecia;  
Era elle um lyrio rôxo  
A cobrir-lhe o collo todo.»

R.

— Pelo signal que me daes  
Bem parecez mana minha.

Dizendo isso, a rainha chamou-a para um quarto para lhe mostrar o signal.

E, reconhecendo-o Lixandria, abraçaram-se as duas, como irmãs, e choraram.

E estavam ainda a derramar lagrimas, quando o rei, entrando inesperadamente, e vendo aquella scena de prantos, chamou a rainha e perguntou :

« Vem cá, vem cá, minha moura;  
Que te diz tua captiva? »

A rainha disse :

— Triste, bem triste, eu estou  
Pois na guerra tu fizeste  
O teu cunhado matar.

R.

« Si eu matei o meu cunhado,  
Outro melhor te hei de dar.  
Farei tua irmã duqueza  
Desta minha monarchia. »

L.

— Eu não quero ser duqueza  
Desta grande monarchia ;  
Quero ir p'r'a minha terra  
Onde contente assistia.

O rei insistio para que a cunhada ficasse alli em companhia da rainha, que desejava tanto ter junto de si uma amiga dedicada que lhe alliviasse as saudades dos seus... Renovou-lhe as promessas de titulos e de honras...

Ella respondeu-lhe que só um favor accitaria e esse era que Suas Magestades mandassem immediatamente transportal-a com sua filhinha, para a sua patria, onde desejava ir morrer obscura e pobre, entre os seus. Nem de ouro queria as cadeias do exilio.

O Rei, vendo que toda a insistencia era baldada, mandou chamar os seus marinheiros e disse-lhes :

Apromptae depressa as náus,  
Mais depressa que puderdes,  
E levae a Lixandria  
E tambem sua filhinha.

Ella á patria quer tornar,  
Entre os seus pobre viver,  
Honras despreza e grandezas.  
Vida obscura quer ter.

E dizendo isso, recommendou muito aos marinheiros que em tudo obedecessem áquella Senhora.

Lixandria agradeceu ao Rei a sua liberdade beijando-lhe a mão ; abraçou a Rainha, sua irmã, e levando, ella mesma, ao collo a sua pequena Flores-Bella, entrou no navio e deu ordem que partissem.

E quando o navio de vela começou a se mover á força de remos, porque naquella hora não havia vento e Lixandria queria partir immediatamente, a rainha, para esconder uma lagrima de dôr e de inveja, pôz-se a abanar o lenço...

A irmã, entre penalizada e alliviada, abanava a mão, dizendo : « Adeus, adeus, Flores-Bella ! »

E, já em movimento o barco, ouviu uma ultima voz da terra : — Vae-te, vae-te, Lixandria !...

---





FLOR DE ALEXANDRIA



# FLOR DE ALEXANDRIA

(*Continuação*)

---

Depois de procellosa tempestade, ha sempre — manhã serena, esperança de porto, e... salvamento... Crêde-o'; e esperae sempre.

Qual não foi a surpresa da condessa Lixandria, ex-captiva da rainha dos mouros, quando, após a sua longa e penosa viagem, á vela, pelo mar Mediterraneo e pelo Atlantico, abordou á sua patria e encontrou, no caes de Portus Calle, nas margens do Douro, vivo o seu marido, o proprio conde de Flores !

E elle, o valente guerreiro que ante as armas dos mouros nunca recuára, elle, ao abraçar a sua esposa e a sua querida filhinha nascida no capti-

veiro, chorava, soluçava de commoção e de prazer!

Como fôra aquillo? Como pudera ella vir? E a filhinha onde lhe nascera? Como se salvára elle? — eram perguntas que se entrançavam no ar e a que nenhum dos dous tinha voz, nem calma, para responder.

E, na pobre choupana junto ao embarcadouro em que se agasalharam por favor, elles, que palacios tinham tido outr'ora, contaram-se, felizes, as suas luctas e as suas dôres.

Elle, o conde, o titular, devia a vida á dedicação de um pobre pastor desconhecido que o encontrára agonizante, só e abandonado, após a batalha dos seus com os mouros.

Muitos dias estivera entre a vida e a morte e muito tempo inutilizado pelos ferimentos recebidos na guerra.

Ir busca-la, ir resgatal-a da escravidão, era todo o seu pensamento. Para isso trabalhava dia e noite. Quantos, porém, a lhe dizerem que ella morta já era? Mas não desanimára nunca.

Morta ou viva, iria vê-la, arriscando-se, embora, á escravidão e a perder nas mãos dos corsarios no mar, ou dos mouros em terra, em um minuto, o fructo de longos annos de trabalho, — todo o dinheiro que, vivendo como pobre e trabalhando dia e noite, ia accumulando em mãos alheias.

Sim, em mãos alheias, porque se temia das proprias : — o habito da generosidade não se perde em um dia. E contava... contava elle... quando batem á porta.

Era alguém que vinha procural-o para dar-lhe trabalho.

Vendo-se o conde forçado a interromper a sua historia, disse : Minha cara, eu sou ainda captivo aqui das obrigações contrahidas. Vou vêr si me dão feriado por hoje.

Mas, enquanto vou e volto, pensa em nós e não nelles : lê isto. Foram feitos a ti. E isso dizendo, deixava-lhe nas mãos um papel, e partia em cumprimento do seu dever de homem honrado.

Lixandria embalando sua filhinha, abriu o papel e leu o seguinte :

#### VERSOS

#### A' FLOR D'ALEXANDRIA

Raro exemplo de firmeza,  
Minha Flor d'Alexandria !  
— Si a fortuna me ajudar  
Te buscarei algum dia.  
Não sei si mais te verei,  
Qual será a minha sorte  
De eu te amar até a morte  
Como dantes eu te amei.  
Meu coração já te dei,  
A outra não o posso dar :  
Só a ti posso afirmar  
Que d'outra não ha de ser.  
Guarda pois essa certeza ;  
Nunca t'esqueças de mim ;  
Si a fortuna me ajudar,  
Esta ausencia terá fim.

Adeus, esposa querida.  
Espelho aonde me via...  
O meu sol, ó minha aurora...  
Minha clara luz do dia !...

E esses versos, que nos parecem de poeta d'agua doce, à condessa pareceram o mais bello poema do mundo.

Acabada a leitura, foi, com muito cuidado, deitar a sua pequena Flores-Bella e accommodal-a bem.

E quando estava a pensar em que logar guardaria o seu thesouro — (e quantas vezes não transforma o sentimento num thesouro uma folha de papel ?...) entrou o conde na modesta alcova, dizendo-lhe : « Sabes ? Tenho feriado hoje. »

E ella, terna a meiga, abraçando-o tambem radiante de alegria e imitando-o naquelle seu antigo « sabes » ? tão seu conhecido :

« Sabes ? Talvez agora sejamos ainda mais felizes que eramos dantes. Saibamos sel-o : não é verdade ? »

— E' sim. Na escola da adversidade aprende-se a prudencia — diz-nos o rifão. — E continuando a reflectir, accrescentou : — E não só ser mais felizes, mas fazer tambem mais felizes aos que nos rodeiam, aos que nos servirem, si algum dia chegarmos de novo a ter creados.

E assim foi.

Após o soffrimento, elles renasceram, por assim dizer, para uma vida mais digna de ser vivida.

Emquanto não tinham outros meios, alliviavam pelo carinho e pela solicitude os necessitados onde quer que os encontravam.

Crearam sua filhinha no amor do bem; sabendo tudo fazer pelas suas próprias mãosinhas, interessada no bem-estar e no progresso de todos — são e doentes, ricos e pobres, pequenos e grandes — nunca lhe pareceu o tempo longo, o dia muito comprido...

Modesta, só descansando de um trabalho noutro, e aprendendo cada dia novas cousas, soube a pequenina Flores-Bella viver feliz, fazer venturosos os que a rodeavam, e, até á velhice, multiplicar dia a dia os meios simples de viver contente no seu cantinho.

Conta-se que, quando ella era pequenina, os gatinhos, os passarinhos, as borboletas e até as abelhas se reuniram um dia e a elegeram como a mais bella das flores.

E' que entre as outras viam-na sempre tão meiga, tão delicada !...

E tão boa era que todos aquelles animaesinhos achavam-na linda, e vinham festejal-a, comer nas suas mãosinhas, poisar juntinho dos seus pés... E por uma flôr ambulante e mais prestativa que as outras a tomavam.

Conta-se tambem que, ao romper d'aurora a ao cair da tarde, quando Flores-Bella apparecia de regador nas mãos e aventalzinho vermelho, no seu jardim pequenino e pobre, as suas flôres, todas ellas, ao vê-la, estremeciam de alegria e encarregavam as brisas fagueiras de lhe levarem os seus perfumes.

Ora, os perfumes eram os carinhos das flôres. E no mandarem-lhe beijinhos assim de longe porfiavam... Cada qual queria ser mais generosa.

« Algumas de nós fomos tão prodigas nessas nossas caricias — contou-me uma Perpetua — que até hoje ficamos sem mais perfume algum. »

E. com effeito, ha um versinho que diz :

Si a perpetua cheirasse,  
Seria a rainha das flores,  
Como a perpetua não cheira.  
Não ama nem tem amores.

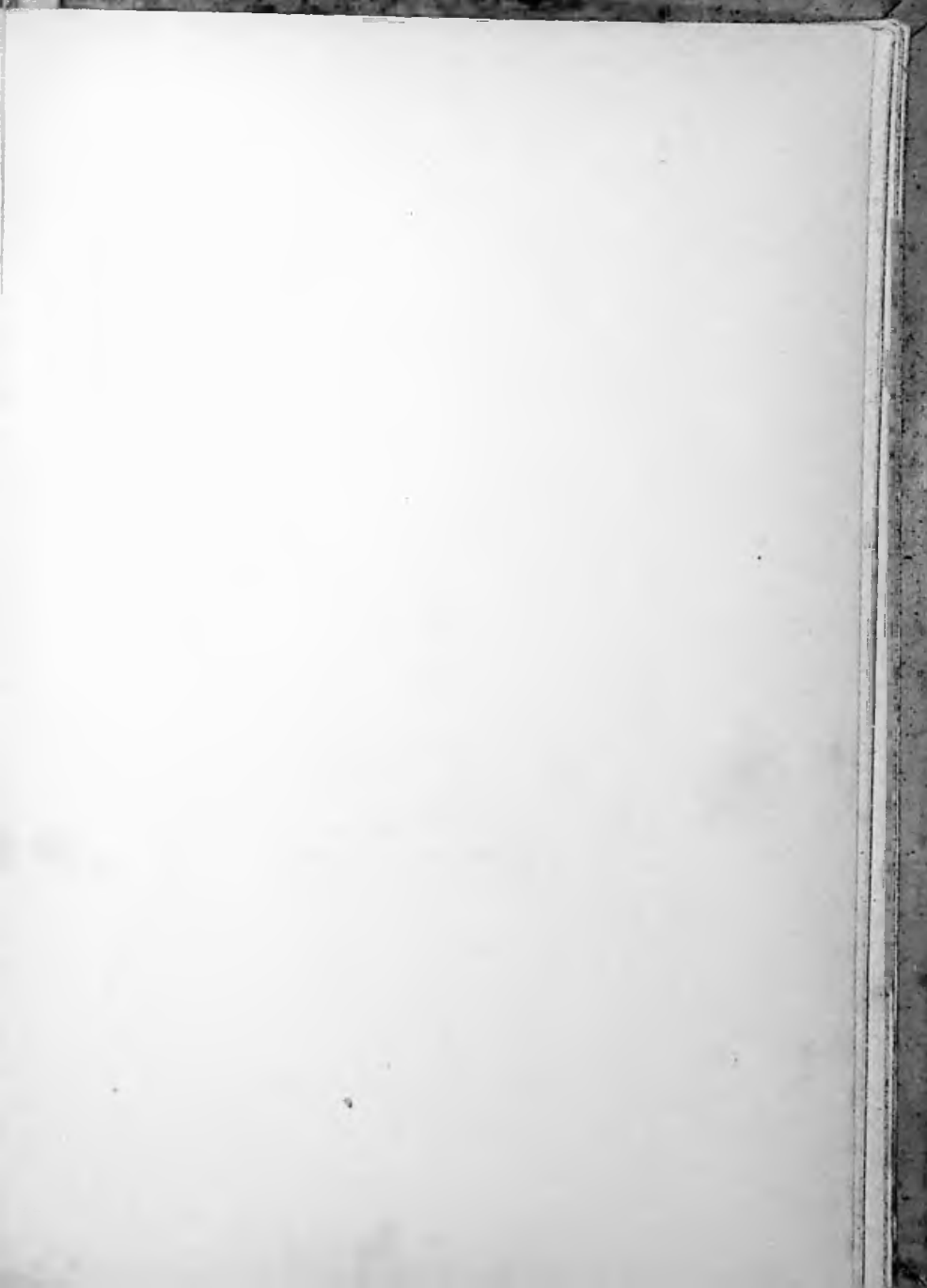
Mas si é verdade o que me disse a Perpetua, não sei ; mas que em tudo evitar excessos é prudencia — verdade é.

Certo é, porém, que, diariamente em contracto com a natureza, a pequenina Flores-Bella aprendia não só das flores, como das formigas, das abelhas e até das pedras, mui judiciosas lições de experiencia.

E viveu sempre contente e feliz. A todos os que chamou *sens*, felicitou sempre. E mais ainda que a todos. os que tiveram a immensa ventura de serem *sens* paes...

---







A NAU CATHARINETA



## A NAU CATHARINETA

---

Vinha a náu Catharineta  
Já farta de navegar,  
Sete annos e um dia  
Era nas ondas do mar.

Recursos já não havia  
Com que a fome alliviar.  
Botaram solas de molho  
Para domingo jantar.  
A sola era tão dura  
Que a não puderam tragar.  
Pela sorte foram vêr  
Quem se havia de malar.

A sorte caio em preto,  
No capitão-general.  
Menos um, todos bradaram :  
« Esta não, esta não val... »

Mas altivo-eis já se ergue  
O valente capitão :  
« Podeis vós e posso eu,  
Ante a sorte dizer — não ? — »

Eis, torna, a bamba maruja,  
Com o fome por matar :  
« Será crime, nosso chefe,  
Vida cara assim, poupar ? »

O homem da lei escravo  
Não sabia que dizer...  
Indeciso balbucia :  
« Vejamos como ha de ser. »

« Sobe, sobe, meu gageiro,  
Naquelle gávea real  
Vê si vós terras d'Hespanha.  
Areias de Portugal. »

— Não vejo terras d'Hespanha  
Nem praias de Portugal :  
Vejo sete espadas nuas  
Todas para te matar. —

« Arriba, arriba, gageiro,  
A'quelle tope real.  
Olha p'ra estrella do Norte,  
Bella guía que nos val. »

— Alviçaras, meu capitão,  
Alviçaras vos quero dar,  
Já vejo terras d'Hespanha,  
Aretas de Portugal !

Tambem vejo tres meninas  
Debaixo de um parreiral :  
Uma está lavrando ouro,  
Outra fio de crystal,  
A mais mocinha de todas.  
Tem de prata o seu dedal.

« Todas tres são minhas filhas,  
Todas tres te quero eu dar :  
Uma para te servir,  
Outra para te calçar,  
A mais bonita de todas  
Para contigo casar.

— Eu não quero suas filhas,  
Eu sei que custa crear;  
Quero a náu Catharineta,  
Para nella navegar.

« Eu tenho um cavallo branco,  
Como não ha outro igual;  
Eu t'o darei de presente  
E' uma prenda real.

Eu não quero seu cavallo  
A que tanto ha de estimar,  
Quero a náu Catharineta  
Para nella navegar.

« Tenho meu palacio nobre  
Como não ha outro assim,  
Com suas telhas de prata  
Suas portas de marfim.»

— Eu não quero seu palacio  
Caro assim de edificar;  
Quero a náu Catharineta,  
Para nella navegar.

« Essa náu já não é minha  
E' d' El-Rey de Portugal,  
Mas certo, não sou quem sou,  
Si El-Rey d'ella fizer al (1).

Vamos, vamos, meu gageiro,  
Meu gageirinho real!  
Eis-nos em terras d'Hespanha,  
Areias de Portugal!

43

---

(1) al — outra cousa







HISTORIA DE D. INFANTA



# HISTORIA DE D. INFANTA

---

Desce a tarde... D. Infanta  
No jardim a passear,  
Abatida... desgrenhada...  
Olhos attentos no mar!

Eis que avista a náu Esp'rança,  
Velas claras, enfunadas...  
Pelo todo bem se via  
De mestre eram governadas.

No cabello põe, às pressas,  
O pente d'ouro que tem.  
Corre á praia, indaga, indaga :  
« Quem são? Quem são os que vêm ? »

Mas dentre os nomes não ouve  
O só nome seu querido !  
Angustiosa pergunta :  
« Capitão — o meu marido ? »

— Qual seu nome ? E a que ia ?  
E que terras demandava ?  
Deixando tão bella esposa,  
Qual a estrella que o levava ?

« Christão sou », disse, « e Romeiro  
Será meu nome de guerra.  
Clarins soam á Cruzada...  
Vou livrar a Santa Terra. »

« Disse e foi-se co'aurea espada  
Que um Christo d'ouro empunhava,  
Nobre cavalleiro armado,  
Só d'ouro redeas guiava.

« No pescoço um pergaminho  
Preces santas encerrava,  
Vestes rôxas ; e no escudo  
Aurea cruz bem o guardava.

— Estes signaes, bem me lembram —  
Exclamou o capitão ! —  
Debaixo d'uma oliveira  
Mal ferido, em oração,

E depois exangue em terra  
Sete facadas de um lado...  
Eu o vi... muito luctára  
O pobre... o nobre... cruzado ! »

• • •  
« Quantos fôrdes e vierdes  
Triste viuva chamae-me.  
Prantos meus, ó vinde, vinde !  
Vinde, vinde, alliviae-me. »

• • •  
Commovido não se mostra  
Ante o pranto o capitão.  
Segue os passos á viuva  
Quer provar-lhe o coração.

Entre curioso e cauto,  
Diz então : — Senhora, ouvi :  
Quanto me dareis a mim  
Si vol-o trazer aqui ? —

D. Infanta firme o encara,  
Sorpreza... diz, inda assim :  
« O meu ouro, a minha prata,  
Que não têm conta nem fim. »

— Eu não quero a vossa prata,  
Que não me pertença a mim ;  
Sou soldado, sirvo ao rei,  
E não posso estar aqui.

Quanto me dareis, senhora,  
Si vol-o trazer aqui ?  
« As telhas do meu telhado  
Que são de ouro e marfim. »

— Eu não quero as vossas telhas,  
Que não me pertença a mim;  
Sou soldado, sirvo ao rei,  
E não posso estar aqui.

Quanto me dareis, senhora,  
Si vol-o trazer aqui?  
« Tres filhas que Deus me deu,  
Todas tres darei a ti;

Uma para te servir,  
Outra para te calçar,  
A mais linda d'ellas todas  
Para contigo casar.»

— Eu não quero as vossas filhas  
Que não me pertença a mim;  
Sou soldado, sirvo ao rei,  
E não posso estar aqui.

Quanto me dareis, senhora,  
Si vol-o trazer aqui?  
« Nada mais tenho a vos dar  
E vós nada que pedir... »

— Muito tendes a me dar  
Eu também a vos pedir...  
De tão mimosa boquinha  
Beijinhos não podem vir!

« Cavalleiro que tal pede,  
Merece fazer-se assim:  
No rabo do meu cavallo  
Ser puxado estrada a fim...



« Vinde, vinde, meus creados,  
Vinde fazer isto assim. »,  
— Eu não temo os teus creados  
Teus creados são de mim.

« Si tu eras meu marido,  
Porque zombavas assim ?  
Para ver a lealdade  
Que tu me tinhas a mim.

E de um throno alto, ideal,  
Que a só virtude elevou,  
A Infanta, — nova Penélope —  
A nobreza nos herdou.

Nobreza que sagra e eleva  
Que sagra a familia, o lar,  
Obrigando os sec'los todos  
A' mulher a venerar.

---



## APPENDICE



## APPENDICE

---

### ADVERTENCIA

AO LEITOR.

Estavam já em rascunhos as paginas que a esta se seguem, quando recebi de pessoa competente o conselho de me não preocupar com as annotações ao nosso *Iore*, visto a carencia de meios d'informação aqui no interior do Brazil, onde resido. Além dessa, ha outra razão e valiosa, e essa é que a erudição não se improvisa.

Dando, por dever de consciencia, o que escripto está, limitar-me-ei pois nessas minhas

### OBSERVAÇÕES

Destas « Nossas Historias » apenas tres ou quatro me parecem de origem brasileira : — Beija-Flor, Cachorrinho, Sapo e Mula

Ruana. (E sel-o-ão ?) Todas as outras, como verá o leitor, ou são meras variantes das já registradas nos livros portuguezes, ou contêm em si expressões que nos revelam claramente a sua origem ultramarina (Flor-de-Pinho e Agua da Latumba).

Nas adaptações que vão conscienciosamente indicadas no *Indice final*, para o qual chamo a attenção do estudioso, usei de ampla liberdade.

Nas que directamente colligi, porém, procurei na medida do possível ater-me á linguagem dos narradores — sobria de pronomes complementos, de analyses introspectivas; — toda concreta, objectiva, pittoresca. Si me detive um pouco mais, foi apenas em precisar-lhes os esboços. Uma unica vez fiz um accrescimo. Deste, e do mais que aos escriptulosos póde interessar, darão conta as notas que se seguem.

## NOTAS A

A « historia » do Beija-Flor; contada pela senhorita C. F. F., de 10 para 11 annos de idade, branca, em Minas, E. F. C. B.. Conceição.

(a)

Como nenhum *soube* dizer... pg...

O ind. pelo subjunct. é construcção pop.

(b)

...E mandaram... pg...

Mandaram, por mandaram-*no*...

Outros pronomes complementos que não *me* e *te* não os emprega o povo que estudo. Toda a vez que a suppressão dos pronomes complementos não occasionasse obscuridade, — penso, dever-se-ia obedecer a essas intelligentes e elegantes ellipses populares.

(c)

Bateu *na* porta... pg.

*Na* por *á* é construcção pop.

Aqui necessaria para maior clareza e precisão.

A correcção dos vícios populares, este só brasileiro, virá vindo aos poucos no decorrer destas paginas.

(d)

Que é que queres... pg...

Mais correcto seria — Que queres — simplesmente ; mas a fórma pop. é — *Quê* que *você* quer ? E vinha precedida da phrase. — Deus *te* abençõe. Preferi aquella fórma intermediaria por menos aspera, sobretudo pondo-se ambos os periodos na 2ª pessoa.

Essas misturas de pessoas grammaticaes é trivialissima ; aqui no sul ao menos — si generalizar me é permittido. Mas em um livro de historias populares, em inglez, « The Reign of King Cole », pg. 100, encontro a phrase : I will give you the most beautiful maid in all the tribe to be thy wife.

(e)

... Perguntar que era que... pag...

Nos originaes pop. o primeiro *que* vem precedido sempre do pronome demonstrativo : ... perguntou *o* que era que... etc. Creio que isso tanto aqui como em Portugal. Em Garrett, Fr. Luiz de Souza, acto 1º, scena IV, *ed passim*, encontra-se esse uso autorizado. Mas como os grammaticos aqui andam emburrados com elle, a simplificação não prejudicava a clareza da phrase...

(f g)

Ingerê ; gambê ; crá-crá... pg..

Parecem-me palavras de origem africana ; *cangerê* é a reunião

dos feiticeiros para seus fins; a chefe do *cangerê* é denominada carbogera ou *cabogêra*. Disso m'informam fazendeiros dos Estados de Minas e do Rio.

(b)

Mas nesse tempo o beija-flor ainda não se chamava beija-flor...  
Pg...

Nomes, e nomes, em vez de pronomes ou de quaesquer outros vocabulos que os substitua — eis o que ouço sempre. E não será mesmo essa linguagem substanciosa, concreta, breve e toda impregnada da natureza ambiente que faz o encanto do phrasear dos indios de Alencar? (V. O Ubirajára.)

(i)

Nem uma só laranja ficou « no pé... » pg...

Subtendi nessa phrase o possessivo *seu* e deixei-a qual a ouvi no singular. Dos pluraes não gosta o povo. Depois é vulgar a phrase — apanhar laranja com pé, ou sem pé, — conforme vem ella cu não acompanhada do seu peciolo.

(j)

Então o beija-flor contou, etc... pg...

Muitas das historias populares dão, ao terminar, ensejo a uma recapitulação singela do que narrado foi.

Desse facto mais de uma lição pôde ser tirada.

(k)

Note-se a delicadeza do moralista nessa lendazinha do Beija-Flor. Nem um se refere á negligencia do primeiro emissario recri-minando-o. Ella tem, em si mesma, o seu castigo. No fim, nem uma palavra para frisar a moralidade do conto.

Assim procedendo, isto é, tudo confiando ao resultado ulte-



rior e indirecto, ou melhor — á verdadeira arte que é « mais imitação que estímulo » (1) põe-se o auctor da lenda admiravelmente de accordo com a melhor pedagogia.

E essa, quer estudada atravez das tradições poeticas dos povos do oriente, quer nos livros didacticos modernos daquelles que mais se empenham pela educação primaria, nos diz que sobretudo, em se tratando da construcção interior de um código de moral, as lições indirectas mais, muito mais efficazes são.

(Vide « The Moral Instruction of Children », Dr Felix Adler ; c. IV, p. 68. (The second counsel), édit. Appleton, New-York 1904. Sobre o valor intellectual das historias : J. F. Prince, « Courses and Methods », édit. Ginn Boston, p. 87 e 162 (Story-telling ; history, etc.)

Agora que se tratam de organizações de programmas de ensino no Brazil, não se me levará a mal copiar aqui a terça parte dos *Apostamentos para um anno de trabalho com uma creança de cinco annos* — tendo por alvo : — dirigir as emoções ; desenvolver a intelligência ; fortalecer a vontade.

#### CHILDS'S DEVELOPMENT TROUGH

- I. Language.
- II. Games.
- III. Materials.

##### I

#### Language.

1. Stories. — Lift the child out of his personal experience into a larger wold ; direct the imagination ; present ideals.
2. Songs. — Awaken a sense of rhythm ; develop a taste for good music ; furnish a poetic form for expression of ideas.

---

(1) Vide João Ribeiro « Paginas de Esthetica ».

3. Talks. — Give child opportunity to relate his individual experiences, to sympathetically participate in the experience of others, and to gain power of expression through language.

Much of the nature work comes into these exercises.

Para a 2ª e a 3ª secções, « Games », « Materials », vide p. 184, do Special Reports on Educational subjects, vol. 10.

Cada volume é vendido separadamente e custa este apenas 2 s. 3 d. em Londres (32 Albrngdon Street, Westminster, S. W.).

Para o programma de instrucção primaria vide a pg. 232 dessa obra magistral, que resultou das diligencias de uma commissão de pedagogos inglezes enviados aos E. U. N. America por Eduardo VII de Inglaterra.

Ver-se-á que em toda essa obra as materias figuram nos programmas como meios de desenvolvimento harmonico e integral de todos os sentidos da creança, de todas as suas faculdades physicas e psychicas, e não como fins em si.

## NOTAS B

A historia do Cachorrinho contada pela pretinha M. D. no est. do Rio. E. F. Sapucahy — terras adjacentes á estação de José Leite

As palavras da cantiga do Cachorrinho parecem-me de origem africana, e o conto allegorico.

E não eram os descendentes de africanos — irmãos nossos como cãesinhos tratados?

E quantas vezes a predilecção de uma boa senhora por uma sua « cria-de-estimação » não attrahia sobre essa futura victima, a odiosidade dos filhos da casa?

Como quer que seja, é para nós outros amarga essa lição; e o « vençei o mal com o bem », nella um facto.

## NOTAS C

As historias de João Giló, da Mula Ruana, da Agua da Latumba e outras populares affirmam a existencia de manifestações vitaes em circumstancias em que nós, os civilizados, já não as acreditamos possiveis.

Essa remanescencia da vida — *quand même* — é para elles o premio á virtude; a sua extincção, a morte, castigo ao crime.

(Vide Andrew Lang : « La Mythologie », c. VI, pg. 199, da trad. fr. 2ª parte; e na 1ª § 3º, p. 85. E uma nota desta pg. envia ao l. II da 9ª edição da « Encyclopædia Britannica » — artigo Apparições — de A. Lang — que lamento não me ser dado consultar.)

As tres historias acima citadas foram-me contadas pela senhora A. N. de onze para doze annos de idade, residente na zona da matta de Minas, E. F. C. B., Estação da Conceição. A ella devo tambem a « Historia » da Princeza, a do Cégo, D. Jorge, que adiante vão e outras. Sei que em alfarrabios portuguezes se encontra a significação da palavra, Latumba como fonte d'agua milagrosa, real, ou cousa equivalente.

Adicionar a taes aguas succos de hervas e obter assim medicamentos de effeitos maravilhosos é, e será em todos os tempos, cousa de que se occupem, ou em que creiam, os cerebros contemporaneos do do auctor dessa lenda.

(Vide no D. Quixote, c. X, o balsamo Ferrabras; c. XVII : « del balsamo precioso con que sanaremos en un abrir e cerrar de ojos »; no c. VI ao tratar o clérigo da queima do heróe... « soy de parecer que no se queme, sino que se le quite, todo aquello que trata de la sabia Felicia e de la agua encantada. » *Ed. passim.*)

Note — de passagem — que a ultima palavra da lenda — Mula Ruana — é um diminutivo emphatico, isto é, vem a reforçar; além desse, ha outros que o povo emprega com igual função : — *levadinho* da breca; um Santo *Antoninho* onde te porei, etc.

## NOTAS D

As historias Ponham-me no fogo e Canta, canta, meu surrão, foram contadas por uma mãe de familia mineira, auxiliada por suas filhinhas.

Na segunda o episodio do macaquinho, quasi ao terminar, foi accrescimo do colleccionador.

## NOTAS E

A xácara de D. Sylvana ouvi em Minas (E. F. C. B. — B. Constant; fazenda da Constancia) em 1906, de uma creada mineira quasi branca, que a aprendera de uma preta cearense aqui no sul.

No original nota-se, como em todos os outros, grande parcimonia de pronome complemento e mistura de pessoas grammaticaes — aqui, porém, *vós* e *você* e não *você* e *tu*, como de ordinario. Note-se mais — *Vosso* — empregado por si só como termo de deferencia. Si bem que como tal nunca o *vi*se sinão reforçando outros (Va Exa; Va Magestade, mais ceremoniosos que Exa, Magestade, etc.) entendi respeitar a expressão popular, pois absurda não é.

Absurdo, á luz da moral codificada, seria o proprio enredo da xácara ou romance; entretanto, esse mesmo thema — casamento de pae com filha — apparece.

(a)

Na historia da Pelle de Burro, muito contada no interior do Brazil e em meios em que a lingua franceza é ignorada.

(b)

Na franceza (?) « *Peau d'Ane* » (Contes Perrault).

(c)

Na ingleza (?) *Princess in Disguise* (The Reign of King Cole, pg. 54), etc., etc.

Vide no « Romanceiro Geral » de Th. Braga, a nota 12ª, muito interessante sobre esse romance; em Garrett, Rom., t. II, pg. 103 a 120 — a sua origem, etc.

## NOTAS F

A' historia de Flor-de-Pinho, colligida da narradora do Cachorinho.  
(V. nota B)

A. Lang na sua Mythologia, 2ª parte, c. II, § 3º, pg. 83, diz :  
« Les métamorphoses en pierre sont aussi communes chez les Peaux-Rouges et les Australiens... que dans la mythologie grecque. »  
No logar da reticencia (minha e não do auctor) poder-se-ia accrescentar — *et chez les nègres brésiliens* — sinão mais, Vejamos. No meu trabalho *do natural* pude obter, de pretos nossos, orações rimadas infalliveis para se « virar pedra, arvore ou *toco* de páu conforme a necessidade. » Por outro lado, não obstante a essa historia de Flor-de-Pinho não haver encontrado allusão alguma no pequeno *folk-lore* d'atém-niar, ao meu alcance, supponho-a de origem portugueza :

(a)

Pelos empregos das palavras « prenda » e « pelo » nas phrases.  
... Levár « de prenda » para o meu Padrinho.  
... Ha de te dar penas « *pela* » chorar.

(b)

Pelo nome proprio Guimar, pela primeira vez ouvido nessa historia e após isso encontrado em Garrett, Rom., t. III, pg. 123.

Penso, pois, não ser Flor-de-Pinho originaria das nossas plagas; e mais que as metamorphoses acima alludidas são admittidas aqui e alli e em toda a parte, pois nos centros mais civilizados s'encontram cerebros no mesmo gráo de evolução que esses pelo D<sup>r</sup> Lang apontados.

Outras observações — O heróe começa a sua odysseá aos sete annos.

Sete annos é o marco miliar entre os estados de anjo e de peccador. O ultimo periodo do conto no original é : « Quando chegou *na* cidade, elles foram casar *na* igreja e o Diabo nunca mais se lembrou delles. »

Por tudo isto pergunto : — Não encerrará toda essa historia mais de uma allegoria ?

Fui fiel ao enredo. Só ao terminar, a simplicidade expressiva do ultimo periodo relida e meditada deu surto a essa interrogação.

## NOTAS G

ao conto « Os Figos da Figueira », colligido com esse enredo no est. do Rio em uma fazenda e com igual enredo musica e respectiva letra ouvidos no interior de Minas.

Em ambos os logares a madrastra era amarrada em quatro cavallos bravos — « um braço num, outro noutro, uma perna num e outra noutro e os cavallos tocados a toda disparada... » e nessa scena atroz se findava o conto. E vinha todo elle como que só a reforçar o triste dictado popular :

Madrastra Diabo arrasta — o que, num livro destinado á infancia, seria pernicioso deixar-se.

O Sr. S. Romero dá a esse conto origem aryana (V. « Estudos sobre a poesia popular no Brazil », c. III, pg. 91 e seguintes) viejisima en el mundo. Hallase en sustancia en la XXXI de las *Centi Novelle Antiche* de Francesco Sansovino, impresas en 1575, pero el autor italiano tomó el caso de un *fabliau* provenzal del siglo XIII (v. col. de Barbazan, 1756), el cual *fabliau* no es mas que una traduccion en verso de un cuento latino de Pedro Alfonso, judio converso de Huesca, medico del rey D. Alonso, que floreció por los años 1100, y escribió una obra titulada *Proverbiorum seu clericalis disciplina libri tres*, en que se halla aquel. Acaso no pare aqui la antigüedad del cuento de la Pastora Torralva, pues dice Pedro Alfonso en su proemio que tomó sus cuentos de los fabulistas árabes.

## NOTA H

nos romances de D. Jorge. O primeiro colligido em Minas (V. nota C); a « outra versão » em que procurei minorar o lado tetrico, é uma adaptação das que vêm nos « Cantos Populares », pg. 35 e 36.

## NOTA I

nos romances da Princeza ou Conde Alberto, e do conde Yanno; pede-se comparar.

Aquelle colligido em Minas (V. nota C.). Este copiado de Garrett (Rom., t. II, p. 41) onde vem estudado. Vide tambem Th. Braga (Rom., notas 27 e 28); e « Estudos sobre a poesia popular », c. V, p. 198.

A versão mineira tem uma quadra igual á do Porto (Rom., p. 78) a qual Th. Braga menciona sob o título: « Romances que s'encontram nas Collecções hespanholas. »

Ora a proposito da antiguidade e proveniencia não precisamente dos romances, — mas dos contos das collecções hespanholas — lêde por curiosidade a nota infra; encontrei-a no D. Quixote, pg. 100 ed. Appleton, 1873, c. XX) illustrando um conto que chamamos « O dos carneirinhos que passam na ponte » — o qual Sancho conta a D. Quixote, que de novo o qualifica. Diz então Cervantes: « Por cierto que no era nada nueva..... »

## NOTA J

a Claralinda, Claraninha ou Belizandra — adaptação das versões de Sergipe e Pajehu-das-Flores, p. 12 e 16, dos « Cantos Populares ».

De uma preta de Capivary, est. do Rio, ouvi em creança esse romance; agora encontrei em Minas quem com a mesma musica ouvida me repetisse d'elle apenas tres quadras.

A proposito de D. Carlos de Montcalbar — que o sr. Th.

Braga classifica entre os romances encontrados nas collecções hespanholas —, diz elle (Rom., p. 198.): Depping julga pertencer aquella romance ás aventuras de Eginart e da filha de Carlos Magno.

A variante de *Dona Lizandra* (*D'aqui de certo proveio o nosso mineiro Belizandra* (1) (Duran, romance de D. Aliarda, nº 329) parece-se muito com a *Albaninha* da lição de Garrett (t. III, p. 15) principalmente nos gabos do cavalleiro. A variante de *D. Areria* é uma confusão do romance de *D. Ausenda* (Vide *Hist. da Poesia popular portugueza*, p. 152 e 162).

## NOTA K

Xácara de Flores Bella, adaptada dos Cantos Populares, p. 32.

Garrett (Rom., t. II) com o titulo — Rainha Captiva — dá uma variante desse romancezinho. Nas interessantes linhas de apresentação de que o precede, diz ter elle uma forte côr dos primórdios da monarchia portugueza (xii sec.).

Após a leitura das paginas acima mencionadas, têm um novo encanto as vinte primeiras pg. do Bobo de A. Herculano. Nesse livro estuda o A. justamente essa phase em que Portugal deixa de ser uma provincia de Leão e Castella e se constitue reino independente.

As historias deste livrinho contadas ás creanças, ou por ellas lidas, terão pois tambem a vantagem de ir lançando bases para o amor e a comprehensão das tradições patrias e da literatura.

## NOTA L

A Flor de Alexandria.

Vide « Cantos Populares », p. 39 e 37. Considerei os versos

---

(1) A parte do copista.



com o título acima como epilogo á xácara anterior e com a maxima liberdade escrevi essa historiazinha ; localizei-a pelos trabalhos do Sr. Garrett.

## NOTA M

A Nau Catharineta obtive-a pela fusão e adaptação das collectas do Sr. S. Romero (Estudos, etc., p. 73). Nas bellas linhas de estudo que o sr. Garrett dedica a essa xácara, diz que, entre as narrativas em prosa que conhece, ha uma por título — Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565 — que não está mui longe de se parecer com a do romance presente (Rom., t. III, p. 100). O que augmenta para nós brazileiros o seu valor.

## NOTAS N

a D. Infanta, adaptação da versão fluminense. (S. Romero, « Cantos Pop. », p. 4; « Estudos », p. 63.) Maior simplicidade e poesia tem a de A. Garrett (t. XVIII, p. 167). O sr. Th. Braga classifica esse romance entre os « Communs aos povos do Meio Dia da Europa ». (Rom., p. 164, nota 1 e 2). Dê-se-lhe com esse auctor origem literaria, ou com A. Garrett origem popular (Rom., t. II, p. ) o certo é que sem o concurso de ambos — o povo e o seu poeta — não teria elle vindo amenizar os ocios e penetrar as corações dos trabalhadores da nossa terra.

Seria desejavel que os mais velhos, antes da leitura, informassem aos jovens ouvintes sobre — que eram as Cruzadas.

Pensei em documentar esse meu pequeno trabalho com o « Eurico » de A. Herculano; mas isso alongaria estas ligeiras notas, sem vantagem para o estudioso.

Que consigam essas adaptações elevar o nivel moral do nosso *lorz*, ligar pelo sentimento poetico as gerações vindouras ás predecessoras — tal é o meu desejo, taes são os meus ardentes votos.

# INDICE

* A	O Beija-Flor .....	M.
* B	O Cachorrinho .....	R.
* D	Ponham-me no fogo .....	R; M.
* C	João Giló .....	R; M; S-P; Bh.
* C	A Mula Ruana .....	M.
* D	Canta, canta, meu surrão! .....	R; M.
* C	Agua da Latumba .....	M.
* E	D. Sylvana .....	M; C; Mh.
* F	O Cégo .....	Serg; R; M; C.
* F	Flor-de-Pinho .....	R.
* G	Os Figos da Figueira .....	R; M; Bah; Al; Serg; Al; Mh.
* H	D. Jorge ou Juliana .....	M; P; C.
* I	A Princeza (Conde Alberto) ..	M; Serg; Mh; R-G-S.
.	D. Duarte e Donzilha .....	Serg.
.	Claraninha (D. Carlos) (Beli- zandra .....	Serg; M; Rio; P.
.	Flores Bella .....	C.
.	Flor d'Alexandria .....	Serg.
.	A Náu Catharineta .....	Serg; Mh; R-G-S.
.	N. D. Infanta .....	R.

NOTA. — O asterisco (\*) indica proveniencia de collecta feita pelo auctor; o ponto (.), adaptação de trabalhos do Sr. Sylvio Romero.

## LEGENDA

*para indicação dos logares em que pude averiguar serem populares as historias supra.*

R	Rio de Janeiro.	P	Pernambuco.
M	Minas Geraes.	Al	Alagoas.
S-P	São-Paulo.	Mh	Maranhão.
C	Ceará.	R-G-S	Rio Grande do Sul.
Serg	Sergipe.	Bh	Bahia.

